

ÓRGÃO CENTRAL
DO
PARTIDO COMUNISTA
PORTUGUÊS

Director
António Dias Lourenço

Avante!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

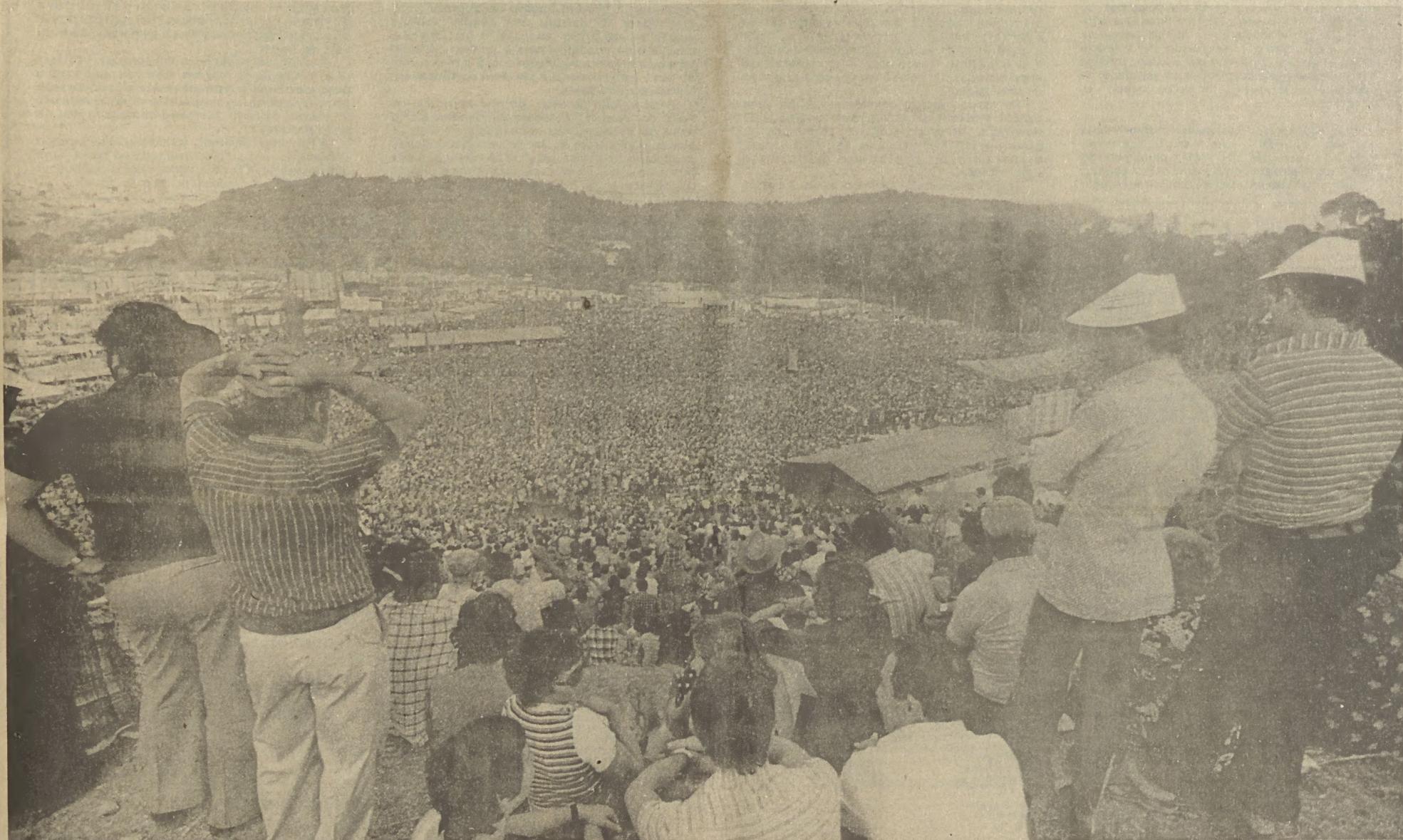
Ano 47 — Série VII — N.º 190
15 de Setembro de 1977

Preço: 6\$00

SEMÁNARIO

Propriedade do Partido Comunista Português * Red. / Adm. - Av. Santos Dumont, 57 - 3.º - Tels: 769725 - Telex - 13411 - Composição e Impressão - Heska Portuguesa - Distribuição - CDL, R. Pedro Nunes, 9-A Telef. 43537-40605-41787

MAIS DE MEIO MILHÃO DE PESSOAS NUMA FESTA SEM IGUAL!



TINHAM-SE feito planos e previsões. Todos eles foram superados. A Festa do "Avante!" de 1977 ultrapassou em todos os aspectos aquilo que seria de esperar. Mais de meio milhão de portugueses — tantos foram os que se calcula terem passado pelo Vale do Jamor — tiveram oportunidade de participar na maior, na mais espectacular, na mais rica e na mais completa iniciativa de massas jamais realizada no nosso País por qualquer força política.

As fotos e as palavras que inserimos nesta edição, totalmente dedicada ao inesquecível acontecimento, dão apenas uma pálida imagem do que foram esses três dias de enriquecimento humano no sentido mais amplo da expressão. Houve alegria e confraternização, cultura e desporto, arte e divertimento, mas também firmeza, determinação, confiança no futuro.

Porque não são apenas, em si próprios, os números de participantes, a multiplicidade das actividades e dos polos de atracção, que reflectem a dimensão e a importância do que se passou. A Festa do "Avante!" realizou-se em Setembro de 1977, num determinado contexto político; foi a festa de um jornal e de um Partido profundamente ligados às massas e que, hoje como ontem, sempre nortearam a sua acção no exclusivo interesse

do Povo português e dos interesses nacionais.

Para quem ainda tivesse dúvidas, a Festa mostrou qual o verdadeiro lugar e qual a audiência popular do PCP na sociedade portuguesa. Que outra força política estará, hoje em dia, em condições de realizar um comício com a participação activa de uma multidão calculada entre 150 a 200 mil pessoas?



Editorial

A FESTA DO «AVANTE!» UMA RESPOSTA POLÍTICA DEMOCRÁTICA

Três dias vivos e dialogantes. A expressão é de um jornal da tarde e refere-se à Festa do «Avante!». A expressão é exacta e nós acrescentaremos mais um atributo: afirmativos.

Sim, três dias vivos, dialogantes e afirmativos.

O que se passou no Vale do Jamor neste fim-de-semana foi na realidade uma poderosa afirmação de unidade, de confiança na democracia e na Revolução de Abril, de uma política de verdade que toca as massas e as põe em movimento.

Mais de meio milhão de pessoas vindas de todos os recantos do país trouxeram ao Jamor — de uma forma ou doutra — o seu aval político ao PCP, à sua análise objectiva da conjuntura nacional, às suas propostas políticas para sair da crise. E trouxeram-no conscientemente, mesmo deliberadamente.

Durante dezenas de anos a máquina de propagação do fascismo tentou dar dos comunistas uma imagem terrífica e deformante, de bastardos do seu país e do seu povo. Da mesma forma a nova gama de paladinos do anticomunismo, desde a extrema-direita reacção aos grupos neonazis que se mascaram de ultra-esquerda, passando pelo grupo dirigente do PS, procuram dar dos comunistas um retrato sombrio de inimigos da liberdade, da democracia, da pátria, de seres insociáveis e sectários.

Uns e outros têm fracassado em toda a linha dos seus intentos — uns e outros, de novo, receberam neste inesquecível fim-de-semana do Jamor uma resposta concludente e necessária. Os comunistas uma vez mais mostraram, pelo

seu trabalho criador e entusiástico e através da sua mensagem optimista, aos visitantes da Festa que são o oposto de tudo isso.

☆

A mensagem que os comunistas transmitiram ao seu país e ao seu povo através da Festa do Jamor é de esperança, de unidade e de luta. E de infinita confiança no futuro do Portugal democrático de hoje e socialista de amanhã.

Cada stand, cada legenda, cada singela decoração na Festa do «Avante!» era uma exposição clara da política do PCP, do seu projecto de vida, das suas propostas para a edificação do Portugal que queremos construir, da sua firme confiança na juventude. Mesmo a canção, mesmo a recreação se enquadraram inteiramente nestes superiores objectivos.

Na sua essência, a Festa do «Avante!» constituiu uma grande jornada democrática e um veredicto contra o fascismo, contra os intentos e manobras conspiratórias da direita reacção, contra o regresso das forças sinistras do passado que durante meio século submeteram as classes trabalhadoras à exploração brutal dos monopólios, à miséria e à incultura, essenciais à acumulação de superlucros nas mãos de um pequeno punhado de privilegiados.

Ao mesmo tempo constituiu também uma denúncia vibrante da política dos vendilhões da Revolução, do grupo dirigente do PS que no governo empreende cada dia, cada hora, a recuperação capitalista, latifundista e imperialista.

Trabalhadores do Alentejo e do Ribatejo

associaram-se em torno da bela praça da Reforma Agrária para revelarem de maneira viva os êxitos do seu trabalho em benefício do país e ao mesmo tempo para desmascaram o crime sem nome do grupo dirigente do PS e o raioso trabalho de Barreto e Portas contra a mais extraordinária conquista da Revolução.

Das distantes regiões insulares da Madeira e dos Açores veio o repúdio popular contra o terrorismo e o separatismo e o protesto contra o desprezo e o atraso secular a que têm sido votadas as populações portuguesas daquelas regiões autónomas.

Operários da cintura industrial de Lisboa, do Norte, das Beiras, do Algarve vieram mostrar algo mais do que a sua competência profissional e os seus projectos de trabalho: a sua determinação de defender as suas empresas contra as investidas do patronato sabotador, de não permitir qualquer atentado contra as nacionalizações, contra a autogestão operária, contra o controlo operário.

Intelectuais de vanguarda, comunistas e não-comunistas, tiveram ocasião de projectar a sua mensagem de cultura nas amplas massas populares, de fincar no povo o seu trabalho criador e de encontrar nele o terreno adubado para a sementeira de inteligência e arte que vem do povo trabalhador e a ele deve regressar em formas novas e belas.

E foi à volta de tudo isto que se travou na Festa do «Avante!» o debate democrático e vivo entre os trabalhadores comunistas e todos os que se deslocaram ao Jamor sem preconceitos políticos e de classe, abertos ao diálogo, numa busca de soluções comuns para salvar o país da bancarrota e da infelicitação decorrentes da

política antiooperária e antipopular do grupo dirigente do PS. É tudo isto que fez da Festa do «Avante!» uma das maiores jornadas democráticas dos últimos anos.

☆

O ponto político culminante foi um extraordinário comício de cerca de duzentas mil pessoas e o discurso de Álvaro Cunhal. Durante cerca de hora e meia o Secretário-Geral do PCP desenvolveu de forma clara as premissas e objectivos das propostas políticas ultimamente feitas ao país.

Não é possível ainda determinar o lucro financeiro da Festa do «Avante!» e até mesmo se houve lucro financeiro. Admitimos que sim.

Mas desde já se pode falar do elevado lucro político desta grandiosa iniciativa de massas do PCP.

Tal êxito foi possível, em primeiro lugar, porque a capacidade organizadora e a determinação dos comunistas permitiu pôr de pé e animar em poucos dias a pequena cidade do Vale do Jamor.

Mas foi sobretudo possível porque o PCP tem uma audiência de massas cada vez mais ampla, porque está cada vez mais enraizado nas massas populares porque a sua política vai cada vez mais ao encontro dos problemas e das aspirações do povo trabalhador.

A Festa do «Avante!» foi uma grande jornada popular, foi um serviço prestado ao povo. Com o entusiasmo, com a alegria, com o optimismo que nascem e florescem no seio do povo.

NÃO À LEI BARRETO!



REFORMA AGRÁRIA: UMA LUTA QUE SE REFORÇOU NA FESTA

Erão pouco mais de 10 horas, no sábado, quando no Jamor desaguou uma multidão de trabalhadores alentejanos e ribatejanos vindos em camionetas de excursão. Entravam cantando palavras que diziam da sua luta, do seu esforço feito terra cultivada, terras que os senhores não poderão voltar a roubar ao povo. Vinham como em manifestação e, por acaso ou talvez não, a primeira paragem do seu percurso, sucedeu na área dedicada à Reforma Agrária. E aí aconteceu o encontro de irmãos da

luta, de irmãos da terra, mais ainda do que aliados, ramos do mesmo tronco. Foi momento em que lágrimas toldaram muitos olhos, os lenços saíram à sacupa das algibeiras neste encontro entre os que vinham dos campos do Alentejo e do Ribatejo para o campo do Jamor e os que já tinham vindo e lá se encontravam trabalhando, nos stands e no sector de vendas de produtos da Reforma Agrária.

Como dizer-vos do trabalho destes camaradas e amigos que vieram de longe, em camionetas

repletas de produtos, que dormiram debaixo delas nas noites, curtas de tempo de festa, que comeram quantas vezes apenas melão e melancia ao almoço e ao jantar, que não conheceram quase nunca tumos de trabalhos porque os muitos trabalhadores alentejanos e ribatejanos foram poucos para despechar as bichas dos trabalhadores da cidade, homens e mulheres, que jamais pensaram ser possível, nos tempos que correm, comprarem produtos de tão boa qualidade a tão baixo preço.

Não tiveram descanso estes trabalhadores que vieram do Alentejo e do Ribatejo, das UCPS e Cooperativas, para estarem à frente dos stands onde exibiam trabalhos regionais, manifestações de autêntica arte popular e os que, em balcões improvisados ou simplesmente vendiam os produtos da Reforma Agrária. Mas apesar desta tarefa esgotante, a alegria só esmorecia à medida que a Festa se aproximava do fim.

“Nunca vi coisa assim em toda a minha vida”, diziam novos e idosos presos no mesmo entusiasmo. Do lado das bichas, onde a presença de não comunistas era mais que visível, era confessada nas palavras, na admiração, havia um lamento: “Mas porque é que a praça não fica aqui a funcionar para sempre? Isso é que nos dava jeito! E ainda dizem que a Reforma Agrária traz miséria... Venham-me agora dizer isto que eu lhes respondo. O que eu sei é que nunca comprei produtos de tão boa qualidade a tão baixo preço.

“Coitadinhos, o que eles trabalham, não têm mãos a medir. A gente queixa-se de estar na bicha com este calor, e eles ali a trabalhar. Depois de os ver acreditado bem no que eles dizem: se as sementeiras não se fizerem é por culpa lá do Barreto e dos outros que não querem olhar para o povo.”

Estas e muitas outras conversas reflectiam uma mesma realidade: Ocupando um lugar de destaque via-se o grande monumento à Reforma Agrária, conhecido por monumento de Benavilla, e cuja concepção se deve a Rogério Ribeiro, onde as etapas da luta do proletariado agrícola e dos camponeses são retratadas por retalhos de obras de pintores progressistas nacionais e estrangeiros, desde Pavia a Picasso. Monumento que é um manifesto sobre a continuidade de um combate tão antigo que não há moderno ditador que a possa travar: nele se observam momentos da luta pela sobrevivência e pela dignidade dos servos da gleba nos tempos feudais, depois num outro painel o narrar da resistência antifascista, num terceiro, a ocupação de terras, a fuga dos latifundiários-pilar do fascismo, e, finalmente, num quarto painel “as terras semeadas de novo”, as terras postas a produzir pelo povo e para o povo. Do que foi lá este produzir, diziam os números, os fotos, os painéis com dados sobre as realizações da Reforma Agrária que se encontravam no pavilhão dos técnicos comunistas e outros progressistas que estão com a Reforma Agrária.

O Alentejo e o Ribatejo estiveram no Jamor. A Reforma Agrária foi uma das presenças da luta incombustível dos comunistas e do povo trabalhador por sementeiras da liberdade.



ADERE AO PCP» «PELAS CONQUISTAS DE ABRIL

Aqui e além, dispersas pelo vasto recinto da Festa do «Avante!», podiam encontrar-se umas pequenas bancas de decoração sóbria. E no entanto, ofereciam a cada visitante a possibilidade de intervir válida e organizadamente na construção da democracia e do socialismo em Portugal. Falamos, evidentemente, das bancas de promoção das «Conquistas de Abril».

Lançada pela última reunião plenária do CC do PCP, esta campanha, visa, de imediato, trazer ao Partido até ao fim do corrente ano mais 10 000 militantes. Iniciativa de massas que tem como objectivo abrir o PCP a todos quantos, de acordo com os princípios do Partido, desejam defender a consolidar as conquistas democráticas alcançadas após o 25 de Abril, não poderia certamente encontrar um melhor enquadramento que a grandiosa Festa do Vale do Jamor, ela própria uma gigantesca manifestação popular.

Os prospectos — Pelas Conquistas de Abril/Adere ao PCP — podiam ver-se nas mãos de muitos dos visitantes da Festa. Bastantes mostravam interesse. Como aquela família, casal e filha, que ficaram parados a ler e a comentar.

Com efeito — dizia o pai — temos que pensar nisto a sério. Cada vez me convenço mais que o PC é o que nos defende. E já não

me enganam outra vez com essas histórias dos minoritários e das liberdades...

— Quais liberdades — exclamou-se a mulher, visivelmente uma dona-de-casa vítima da «austeridade». As liberdades deles, dos que dizem tão mal dos comunistas, é poderem levar o teu ordenado todo!

— Vamos pensar no assunto, quando chegarmos a casa. Não percam os folhetos. E o pai deu o exemplo, guardando-o sob o cuidado da carteira.

Desapareceram na multidão, misturando-se com centenas de outras pessoas que como eles aprendiam a conhecer melhor os comunistas.

Porque a Festa serviu também para isso. Nas

diversões como nos debates, nas exposições como nos colóquios, em todas as iniciativas realizadas os comunistas mostraram como são, como estão dispostos a defender Abril.

Não é pois de estranhar que desde a preparação da Festa e durante a sua realização muitas tenham sido as adesões ao PCP. Adesões que irão continuar, estamos certos. Pelo menos até aos 10 mil que nos propusemos atingir até ao fim do ano.

Curiosidade, uma breve nota de reportagem. No debate sobre o Partido, realizado no Pavilhão do Comité Central, voltámos a encontrar a mesma família a que nos referimos. Ouviam atentamente. Já tinham comprado o Programa e os Estatutos do PCP.



PAVILHÃO DO CC: PONTO CENTRAL

Ponto fulcral da Festa do «Avante!», o Pavilhão do Comité Central do PCP foi a demonstração mais cabal do profundo interesse das massas populares pela actividade política do Partido dos Trabalhadores.

All se debateram questões relacionadas com as normas de funcionamento do Partido, a política de quadros, economia política, Reforma

o encontro com destacados dirigentes comunistas. Uma coisa é certa, porém: os visitantes acorreram em massa, deixaram bem claro que não foram só as diversões da Festa que os fizeram caminhar para o Jamor.

De uma forma simples mas bastante significativa, os painéis expostos relatavam a actividade do PCP nos diferentes sectores da vida

profundos anseios, se interrogavam quanto às dificuldades que nos esperam até esse futuro radioso do socialismo.

A necessidade de defender as conquistas de Abril estava bem presente em cada um dos que paravam face ao placard que denunciava as acções terroristas. Os números falavam por si: 521 bombas; 141 assaltos; 59 fogos postos; 38 espantamentos; 25 atentados a tiro; 10 apedrejamentos. E os alvos principais, descontando as acções terroristas que apenas visavam intimidar a população (289), foram evidentemente o PCP (215); MDP (65); Sindicatos (38); organismos de informação e cultura (48); e outros partidos de esquerda (40).

Mas a par destes dados lá estavam outros revelando como os comunistas se esforçam por defender a democracia, fortalecendo a sua organização, aprofundando sempre mais e mais a sua ligação com as massas populares, lutando pelos justos direitos do povo trabalhador, apoiando as suas lutas, defendendo em toda a parte — na rua, na fábrica, nas autarquias, na Assembleia da República — o programa do PCP que pugna por uma sociedade mais justa, pelo socialismo e pelo comunismo.

A teoria e a prática a formarem um todo indissociável. Por isso, e cada vez mais, as massas se reconhecem no PCP.



Agrária, relações internacionais. Por ali passaram milhares de pessoas que assistiram aos debates, colocaram questões, se informaram sobre a política do Partido nos mais diversos sectores da vida nacional.

Seria difícil dizer-se o que mais atraiu a assistência. Se o gigantesco diaporama sobre a luta dos trabalhadores portugueses pela democracia, se o encontro fraternal com o camarada Boris Volinov; se a exposição fotográfica que decorava o Pavilhão, se

nacional, apontavam os objectivos por que lutam os comunistas: pela Independência Nacional; pela Unidade da Pátria; Contra a Recuperação Agrária; Contra a Recuperação Capitalista; em Defesa das Liberdades e da Democracia; em Defesa dos Interesses dos Trabalhadores e pelo Bem-estar do Povo; pelo Cumprimento da Constituição.

E era nestas palavras de ordem confirmadas pela prática quotidiana do PCP que as pessoas se encontravam, se reconheciam nos seus mais

Avante!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Propriedade

Partido Comunista Português

Av. António Sérgio, 26-2.º Dt.º — Lisboa 1 Tel.: 769896/7

Administração

Editorial Avante, SARL

Av. Santos Dumont, 57-2.º Dt.º — Lisboa 1 Tel.: 769744/769751

Direcção e Redacção

Av. Santos Dumont, 57-3.º Dt.º — Lisboa 1 — Tel.: 769725/769722

Distribuição

CDL, Central Distribuidora Livreira, SARL

Central: Rua Pedro Nunes, 9-A — Lisboa 1 Tel.: 769744/769751

Centro Distribuidor de Lisboa: Av. Santos Dumont, 57-C — Lisboa 1 Tel.: 769705

Casa de Venda em Lisboa: Rua do Sésio, 80 — Lisboa 2, Tel.: 372238

Centro Distribuidor do Norte: R. Miguel Bombarda, 57B — Porto, Tel.: 289538

Casa de Venda: R. do Almada, 18-2.º Esq. — Póvoa, Tel.: 310441

Centro Distribuidor do Centro: Terreiro da Erva, 6 — Coimbra, Tel.: 28394

Centro Distribuidor de Santarém: R. Pedro de Santarém, 41 — Santarém, Tel.: 24594

Centro Distribuidor de Setúbal: Rua de Angola, 29-A — Setúbal, Tel.: 29493

Centro Distribuidor do Alentejo: Alcarova de Baixo, 13 — Évora, Tel.: 26361

Centro Distribuidor do Algarve: Rua 1.º de Dezembro, 23 — Faro, Tel.: 24417

Assinaturas

CDL, Departamento de Venda Directa

Av. Santos Dumont, 50 — Lisboa 1, tel.: 763701

Publicidade

Lisboa: R. Pedro Nunes, 9A — Lisboa 1, Tel.: 41787

Composto e Impresso na Heeka Portuguesa — R. Elias Garcia, 27 —

Venda Nova — Amadora

Tiragem média do mês de Agosto: 70 831

TRÊS DIAS DE INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

Solidariedade, internacionalismo, amizade entre os trabalhadores de todo o mundo, foram o elemento integrante do próprio espírito da Festa. Solidariedade com o Chile, a tônica dessa festa essencial dos dias que se viveram no Jamor.

A manifestação do permanente espírito de solidariedade não começou no dia nove, nem se circunscendeu ao âmbito da Cidade Internacional. É naturalmente uma constante da própria formação dos quadros de um partido marxista-leninista. No Jamor foi contacto directo e reforçado no dia a dia da preparação da Festa. Na sua concepção, como encontro internacional. Na participação de artistas de múltiplos países. Mas também, e muito, na fraternidade da construção conjunta, lado a lado, dos módulos de cada stand. Nas pinturas em que se mobilizavam dezenas de jovens. No cuidado dos retoques finais, no erguer das bandeiras. No martelo que se empresta ou se arranja, entre portugueses, húngaros ou polacos. Na troca amiga dos que trabalham nos stands do MPLA ou da Frelimo e que lançam, com razão: «vocês estão atrasados!». Nos sorrisos que se trocam na impossibilidade de trocar palavras. No esforço de dizer em português a palavra mais repetida nos dias, nas semanas de trabalho árduo: «calor!». Na ajuda entusiástica de marinheiros soviéticos de um barco momentaneamente fundeado em Lisboa. Nos dias da Festa, a solidariedade teve, natural-

mente, os seus pontos altos, uns ligados a programas de actividades ou materializando em gravuras e pinturas, outros surgindo espontaneamente, à volta de um conjunto musical que canta sobre o Chile, ou à passagem das delegações da América Latina ou dos partidos dirigentes dos novos países livre de África. Solidariedade que é também contacto, desejo de conhecer, de saber ou simplesmente de guardar uma recordação: um autógrafa do coronel Boris Volinov, uma bandeirinha do MPLA, os emblemas ou materiais informativos distribuídos nos stands da Cidade Internacional, em particular dos países socialistas, um testemunho do que é a luta e a repressão no Urugual. Solidariedade que se materializa no desejo de contacto, na leitura atribulada de pedaços de jornais da Argentina ou do Urugual, na pena de não poder conhecer por completo esses textos parcialmente expostos.

Ao fim da tarde do dia nove a Cidade Internacional foi visitada pelas delegações estrangeiras presentes em Portugal para a Festa do «Avante!» — um dos momentos importantes no contacto directo entre dirigentes e outros militantes de partidos irmãos com a multidão de uma

festa inequivocamente popular. Os visitantes foram acolhidos com uma recepção entusiástica, que subiu ao rubro com a URSS, o cosmonauta Volinov, o MPLA.

Com delegações e convidados especiais foram realizados encontros e pequenos meetings e colóquios. O cosmonauta Boris Volinov participou num colóquio no auditório do Comité Central, visitou a cidade da juventude e os pioneiros, onde recebeu pequenas recordações, foi homenageado no palco 1, com a presença da camarada António Dias Lourenço.

Kurt-Hermann Kunh, um dos mais célebres pintores da RDA, presidente do Comité de Potdam da Liga dos Artistas Plásticos, que se revestiu de grande interesse.

Harald Hauser, conhecido no nosso País pela série para a TV «Histórias da Resistência», de que é autor, participou num colóquio com escritores, subordinado ao tema — o escritor e a resistência — domínio de que Harold Hauser tem uma grande experiência e que representa o passado recente da nossa literatura.

Participaram também em actividades no decurso da Festa, o mestre de xadrez da União Soviética Oleg Romanishin, e o escritor italiano Renato Nicolli, autor de «Os meus sete filhos».

No dia 11 — data do golpe fascista que derrubou, no Chile, o governo de unidade popular — a homenagem ao povo chileno, a expressão da nossa solidariedade com a sua tenaz e difícil luta foi uma constante da festa. O 11 de Setembro foi recordado por todos os cantos do Jamor, nos seus diversos palcos, a propósito de uma canção, no cómicio com o camarada Álvaro Cunhal, numa simples referência aqui ou ali. O 11 de Setembro foi também recordado num pequeno meeting realizado com os camaradas da América Latina presentes entre nós: Julio Laborde, membro do CC do Partido Comunista da Argentina, Rodrigo Rojas, membro do CC do Partido Comunista do Chile, Eduardo Vieira, membro do Comité Executivo do CC do Partido Comunista do Urugual e director do «El Popular», que foram homenageados por uma delegação de pioneiros.

No âmbito da animação da Cidade Internacional — que no fundamental se deveu à actividade nos stands dos partidos irmãos, ao profundo interesse manifestado no Jamor pela luta dos trabalhadores de todo o mundo, pela batalha contra o capital, a luta libertadora, os êxitos na construção do socialismo — foram projectados, ao ar livre, diversos filmes da RDA e da União Soviética.



Aspecto da reunião entre as delegações estrangeiras e dirigentes do PCP

ENCONTROS DE AMIZADE

A Festa do «Avante!» trouxe ao nosso País delegações de partidos irmãos e órgãos da imprensa operária e comunista de todos os continentes, para além de um representante da revista da paz e do socialismo, a Revista Internacional.

Ao longo da permanência destas delegações em Portugal, realizaram-se, quer colectiva quer individualmente, diversos encontros com a direcção do PCP.

No dia 10 de Agosto, teve lugar, no Centro de Trabalho do PCP na Avenida da Liberdade em Lisboa, um encontro da direcção do PCP com os representantes dos partidos irmãos e órgãos centrais da imprensa presentes. Em representação

do CC do PCP encontravam-se os camaradas Álvaro Cunhal, António Dias Lourenço, Carlos Costa, Joaquim Gomes, Octávio Pato, Sérgio Vilarigues, membros da Comissão Política do Comité Central e Albano Nunes, responsável da Secção Internacional do CC. O camarada Dias Lourenço, como director do «Avante!», saudou as delegações presentes e o camarada Álvaro Cunhal deu uma informação sobre a situação política em Portugal. O encontro realizou-se no ambiente de fraternal amizade que caracteriza as relações do PCP com os partidos representados na Festa do «Avante!».

PCUS e do «Pravda» foi recebida na sede do CC do PCP. A delegação soviética era composta pelos camaradas Evgueni Mikhallovitch Tjajelnikov, membro do CC e chefe do Departamento de Propaganda do CC do PCUS, Boris Mikhallovitch Pyshkov, chefe do sector do Departamento Internacional do CC, Serguei Vitalievitch Tsukanov, membro da Direcção e secretário responsável do jornal «Pravda», Rudolf Vasilievitch, observador do «Pravda» e Boris Valentinovitch Volynov, aviador cosmonauta da URSS. A delegação do PCUS e do «Pravda» foi recebida por Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, Sérgio

Vilarigues e Joaquim Gomes, membros do Secretariado e da Comissão Política do CC e responsável da Secção Internacional do CC do PCP.

No dia 11, realizou-se igualmente um encontro entre a delegação da Frelimo e os camaradas Álvaro Cunhal, Carlos Costa e Sérgio Vilarigues, da Comissão Política do Comité Central.

Também no dia 11, teve lugar um encontro entre a delegação cubana e os camaradas Álvaro Cunhal, Joaquim Gomes e Sérgio Vilarigues.

Dia 12, efectuaram-se encontros com a delegação da RDA e com a delegação argentina.

SOLIDARIEDADE COM O POVO CHILENO E CONTRA OS REGIMES FASCISTAS

Às 12 horas do dia 11 — o dia em que a noite sangrenta do fascismo caiu sobre o Chile, em que o imperialismo deu mais um passo na fascização da América Latina —, realizou-se no Jamor, no pavilhão dos escritores, um pequeno meeting com os camaradas Rodrigo Rojas, do Chile, Eduardo Vieira, do Urugual, Julio Laborde, da Argentina. Uma pequena homenagem, inserida no programa de solidariedade com os povos da América Latina que se passou a Festa de todo o dia 11.

No decurso das suas intervenções, os camaradas da América Latina expuseram sucintamente a situação que se vive nos respectivos países. Uma mesma realidade, de

profunda repressão, em situações diversificadas. Um poder fascista centralizado no Urugual e no Chile, o que não obsta, naturalmente, a que existam divergências no seio desse mesmo poder. Uma situação mais complexa na Argentina, onde o Partido Comunista não é ilegal mas tem toda a actividade proibida, o que implica conduzi-la na clandestinidade; onde não há um aparelho repressivo centralizado, mas existem organizações terroristas e repressivas que prendem, torturam e matam em perfeita impunidade — na véspera da nossa Festa do Jamor tinha sido assassinado em tais antros de tortura mais um camarada argentino.

Essa realidade repressiva

que se vive na Argentina, no Chile, no Urugual, e em vários outros países da América Latina — justamente destacados e enumerados pelo camarada Eduardo Vieira, do Urugual —, materializa-se em centenas de mortos, milhares de presos e torturados, milhares de desaparecidos. A tática de fazer «desaparecer» pessoas é uma sofisticada forma de repressão. Ninguém responde pela vida do «desaparecido», ninguém se responsabiliza pela sua morte. Ninguém sabe a que serviços é sujeito, nem onde se encontra, nem se é vivo ou morto. A forma ideal de as forças repressivas agirem à sua vontade. Uma forma de repressão cuja actividade exige uma

solidariedade redobrada, para que a sua prática não continue a ser possível.

Os camaradas da América Latina não vieram falar-nos apenas da repressão de que são vítimas os seus povos, as forças progressistas e em particular os comunistas, da miséria, a que o imperialismo sujeita as suas pátrias através de regimes fascistas e reaccionários.

Os camaradas do Chile, do Urugual e da Argentina vieram também falar-nos da luta. Da estreteza da base de apoio do fascismo, do amplo trabalho de unidade popular, de unidade de todas as forças políticas interessadas na democracia. Da luta contra a repressão, contra a miséria. Vieram dizer-nos dos progressos registados nessa luta. Garantir — como destacou o camarada Rodrigo Rojas, do Chile — a vitória das forças democráticas, como fruto da luta persistente que hoje está a ser conduzida contra os «Pinochets» da América Latina.

O meeting de solidariedade com os povos da América Latina foi encerrado pelo camarada Dias Lourenço, que destacou as provas de solidariedade do povo português, em particular com o povo do Chile, e afirmou o compromisso de redobramos essa solidariedade nas páginas do «Avante!».

Desse compromisso — que honraremos — queremos fazer também um apelo. Um apelo de solidariedade aos povos do Chile, do Urugual, da Argentina, da América Latina dominada pelo fascismo. De luta contra a repressão, em particular contra a prática dos «desaparecidos». As vitórias já alcançadas, também pela força da solidariedade internacional, devem constituir um estímulo ao reforço de uma batalha indispensável.

Henrique dos Santos, do Secretariado do CC do MPLA:

«VIMOS PORTUGAL NO JAMOR»

A Festa do «Avante!», grandiosa prova de força, organização e militância, mostrou-nos que a força política do PCP transcende já a esfera dos seus militantes — afirmou ao «Avante!» o camarada Henrique Carvalho dos Santos, membro do Secretariado do Comité Central do MPLA, que antontem regressou a Luanda após uma breve estadia no nosso País, juntamente com os camaradas Roberto de Almeida e major Kámu de Almeida.

Henrique dos Santos, que chefiou a delegação do MPLA que se deslocou a Portugal, teve oportunidade de percorrer a «Cidade do Jamor», mostrando-se muito sensibilizado com as manifestações de amizade e solidariedade recebidas em todos os stands da Festa, prova inequívoca dos fraternais laços que unem o povo português ao povo angolano.

Pudemos percorrer Portugal no Jamor, afirmou, e conhecer um pouco melhor a realidade e os problemas do Povo português. Penso que é de salientar este aspecto educativo da Festa do «Avante!», de que beneficiaram todos quantos a visitaram, incluindo nós próprios.

Vinda a Portugal a convite do Comité Central do PCP, a delegação angolana teve conversações com uma delegação do CC do PCP, no âmbito do quadro das relações fraternais e de cooperação entre os dois partidos com vista a desenvolver e reforçar os tradicionais laços que há muito ligam o PCP e o MPLA.

Como sublinhou o camarada Henrique dos Santos, é natural que partidos duma mesma trincheira de luta troquem impressões e analisem em conjunto a problemática das lutas dos

respectivos povos, o que certamente contribuiu para o reforço da colaboração futura dos dois países.

A abertura de uma embaixada de Angola no nosso País.

AMIZADE E CAMARADAGEM ENTRE OS DOIS PARTIDOS

No final da reunião entre a delegação do MPLA e o PCP foi distribuído o seguinte comunicado conjunto:

No dia 12-9-77, uma delegação do MPLA, de visita a Portugal a convite do CC do PCP, foi recebida no Centro de Trabalho do PCP em Lisboa.

A delegação do CC do PCP era composta pelos camaradas, Alvaro Cunhal, Secretário-Geral, Carlos

Comissão das Relações Exteriores do Comité Central do MPLA e major Kámu de Almeida, membro do Departamento das Relações exteriores do MPLA.

As delegações do MPLA e do PCP deram informações pormenorizadas da situação existente respectivamente em Angola e Portugal, trocaram impressões sobre os problemas de interesse comum e expressaram reciprocamente a solidariedade de combate e a determinação de reforçar os laços de amizade e cooperação entre os dois partidos.

As duas delegações expressaram a ideia de que as



As delegações do MPLA e do PCP durante o encontro

relações entre os dois partidos constituem uma contribuição para o desenvolvimento das relações de amizade entre os dois povos e os dois países.

As conversações decorreram num âmbito de calorosa amizade e camaradagem que são tradicionais e características nas relações entre os dois partidos.

Costa, membro da Comissão Política e do Secretariado do CC e Rogério de Carvalho, membro do Comité Central e a delegação do MPLA pelos camaradas Henrique Carvalho dos Santos (comandante Onambue) membro do Secretariado do Comité Central do MPLA, Roberto de Almeida, membro da



Eduardo Vieira, do CC do PCU, falando no decorrer do acto de solidariedade. À sua esquerda, os camaradas do Chile e da Argentina

DELEGAÇÕES ESTRANGEIRAS

Como convidados, participaram na Festa as seguintes delegações estrangeiras: delegação do PCUS e do «Pravda», composta pelos camaradas Evgueni Mikhallovitch Tjajelnikov, membro do CC e chefe do Departamento de Propaganda do CC do PCUS; Boris Mikhallovitch Pyshkov, chefe de sector do Departamento Internacional do CC, Serguei Vitalievitch Tsukanov, membro da Direcção e secretário responsável do jornal «Pravda»; Rudolf Vasilievitch Putchov, observador do «Pravda» e Boris Valentinovitch Volynov, aviador cosmonauta da URSS; delegação do Partido Comunista Búlgaro e do «Rabotnichesko Delo» composta pelos camaradas Dimitar Gueorguev, vice-director do jornal e Violen Butashnikov, conselheiro junto do Departamento de Política Exterior e Relações Internacionais do CC; delegação do Partido Comunista da Checoslováquia e do «Rudé Právo», composta pelos camaradas Miroslav Kubin, chefe do Departamento das Relações Internacionais do Corpo Redactorial e Josef Richter, director da Editora do «Rudé Právo»; delegação do Partido Comunista de Cuba e do «Granma», composta pelo camarada Eloy Valdez, chefe da Secção para a Europa Ocidental do Departamento Geral de Relações Internacionais do CC; delegação do Partido Socialista Operário Húngaro e do «Nepszabads», composta pelos camaradas Tibor Ritter, sub-chefe de Informação e Propaganda do CC, Laszlo Szabo, chefe do

Departamento Nacional do jornal e Laszlo Major, jornalista-intérprete; delegação da Liga dos Comunistas da Jugoslávia e do «Kommunist», composta pelo camarada Branko Skinjar, a delegação do Partido Popular Revolucionário Mongol e do «Unen», composta pelos camaradas Cerentagava, redactor-chefe do «Unen» e Erdene, Secretário da Embaixada da República Popular da Mongólia em Moscovo; delegação do Partido Operário Unificado Polaco e do «Tribuna Ludu», composta pelos camaradas Michal Alias, membro do CC e chefe-adjunto da Secção de Imprensa de Rádio e TV e Antoni Kruczkowski, director-adjunto do «Tribuna Ludu»; delegação do Partido Socialista Unificado da Alemanha e do «Neues Deutschland», chefiada pelo camarada Günter Schabowski, sub-chefe de redacção; delegação do Partido Comunista da Roménia e do «Scinteia», composta pelos camaradas Hanghel Paraschiv, redactor-chefe adjunto, e Vasil Oros, redactor; delegação do MPLA, composta pelos camaradas Álvaro Manuel Pacheco, da Divisão de Orientação Política do DOR do MPLA e Floriano de Almeida Méreles, da Divisão de Agitação e Propaganda; delegação do PAIGC, composta pelo camarada Lopes Pereira, responsável dos Serviços de Informação do Secretariado; delegação da Frelimo, composta pelos camaradas Alberto Cassimo, membro do CC e Amandio Chongo; delegação do Partido Comunista Alemão e do «Unsere

Zeit», composta pelo camarada Karl Hubert Reich, vice-chefe de redacção; delegação do Partido Socialista Unificado de Berlim-Oeste e do «Die Wahrheit», composta pelos camaradas Hanz Mahle, membro do Bureau Político e Chefe de Redacção do jornal e Karl Troeder, director da Editora do «Die Wahrheit»; delegação do Partido Comunista da Dinamarca e do «Land og Folk», composta pelo camarada Michael Seidelin, correspondente do jornal em Paris; delegação do Partido Comunista Francês e do «L'Humanité», composta pelo camarada Claude Laconte, chefe de redacção adjunto do «Humanité Dimanche»; delegação do Partido Comunista Grego e do «Rizospastis», composta pelo camarada George Moraitis, membro do CC; delegação do Partido Comunista da Holanda e do «De Warheid» composta pelo camarada Joop Wolff, membro do Bureau Político e Chefe de Redacção; delegação do Partido Comunista Italiano e do «Unità», composta pelo camarada Sergio Banali, chefe da Redacção do «Unità» de Milão; delegação do Partido Comunista da Argentina, composta pelo camarada Julio Laborde, membro do CC; delegação do Partido Comunista do Chile, composta pelo camarada Rodrigo Rojas, membro do CC; delegação do Partido Comunista do Urugual e do «El Popular», composta pelo camarada Eduardo Vieira, membro do Comité Executivo do CC e director do «El Popular»; e ainda o camarada Manuel Menendez, membro do Conselho de Redacção da Revista Internacional.

CORONEL VOLINOV: UM PARTICIPANTE ACTIVO

Na festa do Internacionalismo que se viveu no Jamor, tivemos pela primeira vez oportunidade de contactar directamente com um trabalhador de um ramo da ciência e da acção humana virado, de forma particular, para o futuro: o cosmonauta soviético coronel Boris Volinov.

Um contacto que foi diálogo pleno do desejo de saber e compreender, no colóquio realizado no pavilhão do Comité Central completamente cheio.

Volinov falou-nos da sua experiência como cosmonauta — que inclui a permanência de sete semanas no espaço —, dos problemas de adaptação à vida do espaço e de readaptação à Terra. Do carácter humano, da importância da investigação e das realizações no domínio espacial. Do programa espacial soviético, que aponta para voos interplanetários automáticos, e laboratórios espaciais tripulados à volta da Terra.

Volinov destacou também a importância decisiva da cooperação entre os vários países no domínio da investigação do cosmos — onde não será possível



entusiasmo. Por seu lado afirmou a alegria de estar conosco, de se sentir irmão conosco, com a sua presença, com a sua participação, numa grande manifestação de força e vitalidade, de unidade entre trabalhadores, de internacionalismo.

Um sentimento partilhado por muitos dos que — vindos dos mais diversos países —, foram parte integrante da festa do

Jamor. E que é expressão da solidariedade internacional entre os trabalhadores. Reforça os laços — indispensáveis —, dessa solidariedade.

Muitos frutos foram e serão colhidos nos três dias de festa e dos muitos de trabalho no Jamor. O sentimento de solidariedade internacionalista reforçada, a preocupação, o partilhar dos problemas de outros povos — será um deles.

CONTRA O FASCISMO E A REPRESSÃO

A solidariedade com os povos em luta contra o fascismo, contra o sistema capitalista, manifestou-se na Festa do «Avante!» das mais diversas formas. Também através de abaixo-assinados que circularam na cidade internacional acerca da situação no Urugual, na Argentina e na Alemanha Federal.

No abaixo-assinado relativo ao Urugual, exigia-se «a libertação de Jaime Perez e outros deputados presos no Urugual, a libertação de todos os patriotas uruguaios injustamente detidos e garantias para a sua integridade psíquica e física».

Um outro abaixo-assinado reclamava «a imediata libertação dos presos políticos e sociais que sem nenhuma justificação se encontram detidos nas prisões da Argentina, a suspensão das torturas e o aparecimento dos sequestrados, terminando assim com a angústia em que vivem actualmente milhares de famílias».

O abaixo-assinado sobre a RFA inseria um protesto contra as «interdições profissionais», tema que o «Avante!» já por diversas vezes tem abordado.

Todos eles recolheram vários milhares de assinaturas.

Harald Hauser ao «Avante!» : «A FESTA PROVA O FRACASSO DO ANTICOMUNISMO»

Esta enorme Festa, pela sua grandeza e entusiasmo, reforça a minha convicção de que o Partido Comunista está no coração e no espírito do povo.

Estas são palavras de Harald Hauser, um dos milhares e milhares de escritores que em todo o Mundo optaram pela causa do proletariado e das massas populares, pela causa da Revolução. Encontra-se no pavilhão dos que, como ele, se comprometem intimamente na luta da resistência contra o fascismo, dos que constituem parte integrante do movimento criador de uma nova sociedade: Harald Hauser encontra-se no pavilhão dos escritores comunistas, presença viva, polémica no sentido de busca de caminhos e formas de maior intervenção, enriquecedora na Festa do «Avante!».

Harald Hauser sente-se em casa. Não é preciso falar-se de internacionalismo proletário quando ele mais do que uma bandeira, um slogan, é uma forma de vida pela qual inclusive se pode acostar a morte, uma forma de estar todo inteiro, mãos e cérebro, no Mundo. Por isso Harald Hauser sentiu-se em casa na Festa do «Avante!», no pavilhão dos escritores comunistas mesmo nos casos em que a barreira da língua é ultrapassada somente pelo sorriso e do abraço fraternal. Harald Hauser fala para o «Avante!» com um entusiasmo nascido, da fraternidade existente quando os homens e os povos são irmãos de uma mesma luta.

Estive já em Portugal em 1974, período de extremo entusiasmo que vi e compartilhei. Em seguida fiquei um pouco desiludido com a marcha do processo, sobretudo depois de Novembro de 1975. Eu e todos os comunistas da RDA, para os quais o processo revolucionário em Portugal assume uma importância vital, assistimos com inquietação ao avanço das forças reaccionárias entre nós. Por isso me sinto, neste momento, feliz por observar o que se passa nesta formidável Festa do «Avante!» em cuja

participação popular se vê a tendência do futuro. Tenho a convicção profunda de que o Partido Comunista Português não recuou apesar das investidas da reacção, mas antes deu um salto qualitativo e quantitativo muito forte. Hoje, o Partido Comunista Português é um dos melhores Partidos na Europa sob o ponto de vista ideológico, pela sua fidelidade ao marxismo-leninismo, pela combatividade não só dos seus dirigentes mas também dos militantes de base. Esta enorme festa, pela sua grandeza e entusiasmo, reforça a minha convicção profunda de que o futuro de Portugal está garantido, ainda que o caminho seja extremamente duro, que o Partido Comunista está equipado para enfrentar e vencer as dificuldades, que o Partido Comunista está no coração e no espírito do povo.

Hauser é um homem com um extraordinário poder de comunicação. Nele as palavras são, não as de um observador exterior aos acontecimentos, mas as de um lutador que vive as adversidades e as vitórias dos seus companheiros de luta de um país distante.

A base do sucesso da luta do PCP no futuro está neste mesmo: na unidade orgânica do Partido, na unidade entre os trabalhadores e os intelectuais, na ausência de classes, no enraizamento muito profundo e visível do PCP entre as massas populares. Sei que apesar disso a reacção avança, a social-democracia de direita faz tudo para apolar este avanço: veja-se o que se passa com o apoio da social-democracia de direita a Soares na mesma via anticomunista. Esta Festa é o exemplo mais flagrante do fracasso do anticomunismo. Nenhum outro partido em Portugal está em condições de

fazer sequer uma festa semelhante, e no entanto, os outros partidos dizem-se de maiorias. A festa é a prova mais evidente do enraizamento do PCP nas massas. E com este espírito que aqui se vive, estou certo de que o fascismo não passará. São possíveis diversos golpes de direita, avanços conjunturais da reacção — como o que, por exemplo, agora é tentado ao nível da Reforma Agrária — para tentar fazer fracassar a tendência socialista do processo português. Mas a longo prazo, a voz do PCP em aliança com as forças progressistas terá eco na maioria da população, um eco alcançado nas provas de capacidade de resolução dos problemas, de organização, de patriotismo dadas pelo Partido. A reacção sabe que isto vai acontecer e teme-o. Por isso mesmo se vê obrigada a mentir abertamente, a falsificar para ascender o anticomunismo na burguesia honesta que começa a olhar o PCP com outros olhos.

Como exemplo cito um facto que me deu bem a ideia da necessidade da reacção falsificar e por isso mesmo da medida em que ela se sente fraca perante o prestígio crescente do PCP. Refiro-me a uma notícia publicada no jornal «A Luta» sobre uma entrevista que o general Costa Gomes deu a uma revista brasileira, em Varóvia, quando ambos, eu e ela, nos encontramos num encontro do Conselho Mundial da Paz. Segundo «A Luta», o general Costa Gomes teria dito: «revista brasileira «Status» que uma tentativa totalitária do Partido Comunista poderia originar guerra civil, o que é absolutamente falso, pois o general Costa Gomes embora falasse no perigo de uma guerra civil, não referiu sequer o PCP. Ora quando a reacção se vê obrigada a deturpar assim, é sinal de que a sua fraqueza é cada vez maior e, portanto, maior a projecção das forças progressistas e no caso particularmente do PCP.»



Cidade do livro e do disco

AS VENDAS ULTRAPASSARAM EM 50% AS CONSEGUIDAS O ANO PASSADO

A Cidade do Livro e do Disco não foi apenas uma área que ocupou 1200 metros quadrados do recinto da Festa, a maior área de exposição e de venda de livros e de discos montada até hoje em Portugal. A Cidade do Livro e do Disco foi, como nos disse Francisco Melo, director das Edições «Avante!», um dos reflexos mais importantes da dimensão cultural da Festa do «Avante!».

A participação dos escritores portugueses, comunistas e não comunistas. Houve uma presença constante, um diálogo mútuo entre os muitos escritores nacionais e o público, que afilua à Cidade.

O socialismo desde que se tornou uma ciência exige que se o trate como tal, quer dizer, que se o estude», palavras de Lénine que se liam na Cidade do Livro e do

Disco. Palavras que indicam um caminho, que são cada vez mais uma prática vivida não por uma elite mas pelas massas populares. E neste sentido, a Cidade do Livro

e do Disco constitui um impulso que é das formas mais criadoras de permanência da festa do trabalho e da luta para além dos três dias passados no Jamor.

A ARTE ESTEVE COM O POVO O POVO ESTEVE COM A ARTE

Dizer que a presença das artes plásticas na Festa do «Avante!» constituiu uma das maiores manifestações do género desde sempre realizadas no nosso país é pouco, mesmo quando concretizado, se adianta que esteve exposto mais de meio milhão de obras dos mais representativos artistas plásticos portugueses. Acrescentar que jamais a qualidade e a quantidade se entrelaçaram numa harmonia simultaneamente tão diversa e representativa — onde a par das obras dos «consagrados» se viam as dos alunos e de amadores — é ainda pouco. Sallentar a novidade das condições de exposição, do facto da pintura, da escultura, do desenho e da gravura, deixarem as salas onde habitualmente são vistas por uma elite de serem apeadas das parades das casas particulares e de ganharem o espaço da natureza, no cenário azul e verde do Jamor, continua a ser insuficiente.

É preciso, sobretudo, salientar que jamais se assistiu a um tal contacto criador entre o artista e o povo. Milhares de pessoas, trabalhadores do Alentejo, das Beiras, homens e mulheres que ganham o pão no trabalho da terra, nas fábricas, nas lojas, viram pela primeira vez uma exposição — e que exposição, ouvia-se de todas as bocas — compreenderam que a arte, qualquer que seja a expressão da linguagem plástica, diz da vida, da luta das angústias, das alegrias e esperanças deles próprios, sentiram que o artista progressista — como era o caso de todos os que tinham obras expostas — não é um ser aparte, distante, esquisito, mas um homem que com as suas mãos e o produto artístico, singular que delas brota, serve os interesses colectivos, «reforça a voz e a força» dos que lutam por um novo país.

Esta experiência nova e extraordinariamente enriquecedora não foi apenas vivida por aqueles que, pela primeira vez ou não, tiveram oportunidade de visitar esta exposição sem igual no nosso país. Também os artistas sentiram, talvez, mais do que todos, profundamente, a vivência deste convívio com o povo que por ali passou. E para falar desta vivência, ninguém melhor do que os artistas que a organização considerou como mais representativos, e portanto com as obras mais representadas. Foram eles João Hogan (pintura), Bartolomeu Cid (gravura), cujo depoimento não podemos colher por se encontrar ausente do país e Jorge Vieira (escultura).



CINEMA : ARTE DE INTERVENÇÃO NO PAÍS QUE SE CONSTRÓI

«Como se faz um filme» eis o que muita gente, que visitou o pavilhão dos cineastas comunistas, aprendeu durante a Festa. O que pode ser o cinema — a mais importante de todas as artes sob o ponto de vista de divulgação das ideias revolucionárias e de instrumento da luta ideológica segundo Lénine — quando é encarado como um meio de luta pela transformação da sociedade, eis o que também largos milhares de pessoas aprenderam ao assistirem a diversas obras que marcaram épocas na história do cinema como uma arte e como uma força de intervenção na luta popular. Entre elas, destacam-se «Documentários sobre Portugal», filmes sobre a luta das massas trabalhadoras, «Outubro» de Eisenstein, «Lenine em Outubro», de Romm, «O Coração de Covalã», de Román Karmen.

da Festa, passaram momentos da luta do PCP, «Os Comunistas de Portugal» e imagens do VIII Congresso do PCP, e reflectindo uma fase vital do processo revolucionário que urge defender, o documentário «Alvorada Sobre Portugal». A escolha dos outros filmes, recaindo em acontecimentos de sentido tão diametralmente oposto como a vitória da Revolução de Outubro e a dramática queda do Governo da Unidade Popular ou a perseguição a essa personalidade do movimento comunista e operário internacional que é o Secretário Geral do Partido Comunista Chileno, Luis Corvalán, proporcionou uma significativa mensagem, símbolo de duas realidades contrastantes para que, numa e noutra, as massas trabalhadoras noissem a sua luta pelo derrube do fascismo e pela construção do socialismo em todo o mundo.

filme, o cinema visto por dentro», num mini estúdio em funcionamento, um pequeno filme servia os objectivos pedagógicos dos organizadores: «As Desventuras do Conde Von Barreto no reino da Reforma Agrária». Objectivos que se não ficavam pelo ensinar como trabalhavam os técnicos, como trabalha o montador ou o caracterizador, como se dirigem os actores... A mesa redonda sobre Cinema, realizada durante a Festa, com uma ampla participação de técnicos e cineastas e abordando questões como as actuais estruturas, as limitações técnicas e o futuro do cinema português, constituiu uma ocasião, que importa repetir, de encontro entre comunistas e homens e mulheres progressistas em cujas mãos está a tarefa de fazer do cinema português, também, uma poderosa arte de intervenção no país que se edifica.

Nos «Documentários sobre Portugal», exibidos no primeiro dia

PRESENÇA DO TEATRO

Nunca um espectáculo de teatro, no nosso País, teve a rodeá-lo um cenário tão imponente. Os quatro espectáculos de teatro apresentados na Festa do «Avante!» constituiram, por isso, uma importante manifestação cultural e de massas.

trabalho, dois amadores e dois profissionais. Na primeira noite, o Grupo de Teatro de Campolide (amadores) apresentou a peça «D. Quixote Libertado», do grande dramaturgo e revolucionário soviético Anatoli Lunatcharsk. Seguiu-se no sábado a apresentação da peça «O Regresso do Herói da Guerra» do dramaturgo português Virgílio Martinho pelo Grupo de Teatro Germen de Évora e, também, a peça «Os Invasores», pela Cooperativa Rafael de Oliveira. Finalmente, no domingo, o grupo A Barraca apresentou a peça de Augusto Boal «Barraca Conta Tiradentes».

conseguiram esse facto digno de nota de ignorar o pó que lhes entrava na garganta, de calar os ruídos mais diversos que não conseguiam abafar a sua representação.

Espectáculos todos eles originais, diferentes entre si, mas semelhantes num aspecto e este importante: o quererem ser uma manifestação artística de massas, reflectindo alguns dos principais problemas do nosso tempo e da nossa vida. Por isso o público, apesar das inúmeras solicitações, não arredou pé; porque também ali era a Festa do «Avante!», a Festa do nosso povo, que se revelava em toda a sua grandiosidade. Uma palavra de destaque merecem os artistas, amadores e profissionais, que

Ali, no Vale do Jamor, longe dos teatros, aconteceu Teatro. Os quatro grupos que lá se apresentaram constituiram um símbolo de todos os grupos de teatro, de todos os actores democratas e progressistas que, nas mais difíceis condições, lutam por um Teatro ao serviço dos interesses populares, por um teatro capaz de ser a imagem do país que vivemos e empenhado na transformação para o país que queremos ser.

Por tudo isto, pelas centenas de milhares de pessoas que, embora não tenham podido ver os quatro espectáculos que foram apresentados, transmitiram para aquele recinto um calor fraternal jamais visto no nosso país, podemos reafirmar: nunca um espectáculo de teatro teve a rodeá-lo um cenário tão imponente porque jamais se realizou no nosso país um acontecimento com a envergadura política, cultural e de massas como a Festa do «Avante!».

Escritores na Festa UMA FORMA CRIADORA DE ESTAR COM AS MASSAS

Durante os três dias de Festa do «Avante!», o calor intenso e a multiplicidade de atracções poderiam ter afastado das manifestações culturais os visitantes.

No entanto, muitas vezes o pavilhão dos escritores comunistas foi pequeno para conter as pessoas que por ali passavam. Não faltaram participantes nos diversos colóquios e recitais de poesia realizados por escritores comunistas e por outros que não o sendo, têm perante a sociedade uma atitude de intervenção progressista.

Um dos colóquios realizados, «O trabalho do Escritor: Formas e Meios de Actividade junto das massas», sintetizou afinal a preocupação dominante da exposição de obras ali patentes, constituiu um perspectivar, um alargamento da acção já ali durante a Festa realizada pelos escritores comunistas: Tratou-se de estar com as massas (e quando é que os escritores progressistas, e nomeadamente os comunistas deixam de estar com as massas, ainda que escrevam solidários e longe, como aconteceu a tantos?), de estar fisicamente, de dialogar com elas. Isto foi o que aconteceu no pavilhão dos Escritores. E este esforço que urge incentivar, repetir, ampliar, trouxe uma unidade mais firme ao exército dos combatentes pela liberdade que o seu instrumento seja a palavra escrita, quer seja o alto forno das fábricas.

Uma palavra para a adesão, a participação que rodeou os recitais de poesia. A gente quase não cabia no pavilhão quando foram lidos poemas de Gastão Cruz, Armando Silva Carvalho, Vanda Ramos, Armindo Rodrigues, Fernando Graça, Maria Graça Varela Cid, lidos pelos autores ou por outros escritores ou, ainda, por actores do Grupo Anima.

Aos intelectuais homenageados, Soeiro Pereira Gomes, Bento de Jesus Caraça, Alves Redol, Mário Sacramento, Augusto da Costa Dias pode-se aplicar, no sentido pleno do seu conteúdo, as palavras de um deles, Mário Sacramento: «Um democrata não morre no sentido inerte da palavra; quando morre, transmite a mensagem e permanece nela».

Quanto aos outros, e no caso particular aos que fizeram do pavilhão dos escritores a força de intervenção que ele foi, os que souberam transmitir a mensagem que, por ser plenamente cultural, é puramente revolucionária, pode-se dizer que também eles conquistam com realizações deste género aquele tipo de «imortalidade»: o de permanecerem vivos na memória grata do povo a que pertencem e dos outros povos que na mesma cascata sabem que o seu destino desagua na liberdade.

que é por isso mesmo que elas são expostas: para serem vistas. É um bocadinho triste pintar uma obra e vê-la numa sala onde meia dúzia de pessoas por dia a olham. Aliás a pintura, toda a peça de arte, antigamente, por exemplo, na Renascença, era realizada não para estar numa sala privada mas para um lugar público, nesse tempo mais a Igreja do que o palácio. Aquil a pintura, a obra de arte plástica volta a estar num lugar público. O importante neste caso não é vender, nem pensar nisso (tanto que só tenho aqui duas obras para vender), mas poder assistir ao facto de uma grande multidão olhar os meus quadros. Esta experiência é de tal modo importante que constitui um estímulo para novos quadros que, tal como estes, desejo que sejam vistos por milhares de pessoas.

Estava em crise mas a realização desta exposição, este contacto com a multidão que, em fluxos incontáveis aqui passou, constituiu um estímulo para novas obras. O que me parece importante agora é partir daqui para incentivar as manifestações culturais unitárias tal como esta que, sendo dispar, é das mais representativas jamais realizadas e que permitiu o encontro entre os artistas abrindo-lhes novas perspectivas de trabalho.

Jorge Vieira: «INCENTIVAR AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS UNITÁRIAS»

Jorge Vieira, consagrado autor de esculturas em terracota, pedra, cimento e bronze, cujas obras têm figurado em numerosas exposições em Portugal e no estrangeiro — «mas jamais numa exposição como esta» — declarou-nos: É a primeira vez que as

JOÃO HOGAN: «ESTÍMULO PARA NOVAS OBRAS» Estas as palavras de João Hogan, um grande pintor

«FASCISMO NUNCA MAIS!» Estas palavras não constituem apenas a mensagem de um dos mais expressivos quadros patentes na exposição e da autoria do Grupo Abril. «Fascismo nunca mais» é a mensagem de toda a exposição, de todos os quadros, de todas as esculturas, de todos os desenhos, de todas as gravuras ali expostas. «Fascismo nunca mais» é a mensagem que ficou impressa nos olhos de quantos viram a exposição no seu conjunto, «escutaram», compreenderam e sentiram junto de si como irmãos de um mesmo objectivo, aqueles artistas que comunistas ou não, colaboraram na Festa do «Avante!»



A CIDADE DA JUVENTUDE FOI CENTRO DE ALEGRIA, CONVÍVIO E CONFIANÇA

A presença de milhares de jovens, a determinação, o espírito de militância e a confiança revolucionária da juventude comunista, a sua alegria e o seu entusiasmo, foram as notas mais salientes do ambiente que reinou na "Cidade da Juventude", na Festa do "Avante!".

Os pavilhões políticos centrais da UJC e da UEC foram, por si, um exemplo da capacidade de realização das

organizações da juventude comunista portuguesa. Erguendo-se na "Cidade da Juventude", decorados com cores alegres e vivas, exibindo ao alto as siglas da UJC e da UEC, aqueles pavilhões reflectiram a vida, os problemas e a luta da juventude trabalhadora e estudantil.

Alguns aspectos mais importantes da vida da juventude e da actividade da

UEC e da UJC foram retratados através de grandes exposições, projecção de slides e bancas de venda com diversos materiais informativos e edições especiais.

Imponentes painéis com pinturas elevavam-se, na Cidade da Juventude, em honra ao XI Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes. Exposições e documentos, além de vários artigos, lá estiveram para divulgar

e informar sobre aquela grandiosa realização do movimento juvenil mundial, que decorrerá entre 28 de Julho e 5 de Agosto, em Havana, capital da República Socialista de Cuba.

Tal como a Festa, a Cidade da Juventude não foi só local de alegria, cultura e convívio. Foi também um momento de luta e reflexão sobre problemas importantes, designadamente sobre os problemas que mais afectam a juventude trabalhadora. E um dos mais sentidos pela sua gravidade e as suas consequências é o problema do desemprego e da saída profissional que, neste momento, atinge cerca de 300

mil jovens. Em dois stands, um da UJC, outro da UEC, estiveram expostos diversos materiais de informação e análise sobre o desemprego entre a juventude.

A imprensa juvenil comunista, através do "Juventude", órgão da UJC, e da "Linha Geral" revista da UEC, esteve igualmente presente com um stand que ocupou 40m². Ali se encontrou, por intermédio de uma documentada exposição, a imagem da imprensa juvenil clandestina, o seu papel e importância na luta da juventude contra a ditadura fascista. Noutros certames, esteve patente a vida e a evolução de diversos

órgãos juvenis, nomeadamente o "Jovem Trabalhador", "Juventude" e "Linha Geral".

Além de diversas bancas com objectos diversos, autocolantes, emblemas, galhardetes e outros materiais de propaganda, a "Cidade da Juventude" proporcionou aos seus visitantes dezenas de divertimentos e miniconcursos: do popular tiro ao alvo, ao "labirinto de memória", passando pelo "concurso do bom propagandista", "pavilhão do terror", "deita abaixo a reacção", etc.

Quanto aos petiscos, a "Cidade da Juventude" também marcou presença: os camaradas que trabalharam nos quinze bares e no grande

restaurante central não tiveram mãos a medir...

Entre outras especialidades, houve açorda e ensopados alentejanos, tripas à moda do Porto, arroz à valenciana e o categorizado "caldo verde à moda do Jamar".

No decorrer da Festa, o coronel Boris Volinov, herói

da URSS e um dos mais destacados cosmonautas do programa "Soyuz", visitou a "Cidade da Juventude", tendo sido calorosamente saudado por centenas de jovens, que não perderam a oportunidade de contactar com o comandante da "Soyuz-5" e da "Soyuz-21".



CIDADE DOS PIONEIROS CIDADE DO FUTURO

Mas então este é um Campo de Pioneiros ou um campo de adultos? Interrogava com ar melo amado um visitante que à légua se via ser um trabalhador dos campos. E no entanto quem assim falava não era acompanhado por nenhuma criança... Desperta a curiosidade procurámos acompanhá-lo e saber de onde vinha aquele quase mau humor:

Pois claro — declarou-nos — e isto não só está cheio de crianças, o que é natural, mas também de pessoas crescidas que têm para si muitos outros espectáculos para ver.

E no entanto este amigo trabalhador não era acompanhado por nenhuma criança...

Aqueles que não foram ao Jamar, basta este episódio para ficarem a saber o que caracterizou o Campo dos Pioneiros da Festa do "Avante!": rios e rios de gente por ali passaram, mlúdos e gradúdos, qual deles mais entusiasmado com o que via, alguns, os adultos, comovendo-se perante os trabalhos, as palavras, as canções dos grupos de pioneiros de todo o país:

Eles são o futuro, dizia uma camarada, e com um futuro assim não há país que não vá para a frente.

Uma outra amiga quase discutiua com o companheiro:

Mas porque é que nunca te informaste que no Partido Comunista eles tratavam assim das crianças, ensinavam às crianças estes trabalhos, tinham estes cuidados? Tu já viste o que eles fazem de um frasco de iogurte, de uma casca de noz? Tu ainda nem leste o jornal deles! Eu tenho aqui o jornal dos Pioneiros de Sines! Tu já leste a declaração dos deveres do Pioneiro? Isto é que é ensinar as crianças a serem trabalhadoras, amigãs dos pais, arrumadas!

Depois dizes que o teu neto é rabino e não sabe fazer nada! Quem tem a culpa é tu. Tens de saber como é que ele pode ir para os Pioneiros e inscrevê-lo. Eu não me importo de o ir levar e buscar, o trabalho é meu, o nosso neto tem de ir lá para os Pioneiros!

E só a promessa quase solene do companheiro em como o neto de ambos iria para os Pioneiros travou o fluxo de palavras desta amiga.

Na verdade era admirável ver, analisar os trabalhos dos pioneiros, as exposições realizadas, em síntese, a demonstração de como estimulada inteligentemente a imaginação criadora das crianças produz autênticas maravilhas e o trabalho passa a ser um meio de enriquecimento da personalidade e de desenvolvimento da infância. Era admirável visitar as exposições do Campo dos Pioneiros, uma com os trabalhos por eles efectuados, outra sobre as crianças nos países socialistas, outra ainda com o título significativo "O País que nós queremos". Outra demonstração da capacidade de criação infantil foi dada nos espectáculos realizados no palco: diversos grupos de Pioneiros do país fizeram com que os pais adultos, que nem sequer acompanhavam crianças, se acotovelassem para ver melhor, se entusiasmassem, se enternecessem e saíssem dali com o coração repleto de esperança, confiantes no futuro, encorajados para eles, também, os que o não fazem, passaram a dar "um empurrãozinho, uma mãozinha" na transformação do país onde as crianças de hoje serão amanhã adultos.

Muitas outras coisas aconteceram: logo de início foram largados pepalagos, símbolo da Festa que

começava; no fim foram plantadas árvores, símbolo da festa do trabalho e da fraternidade que só aparentemente acabava, símbolo de uma permanência que não se apagará mesmo se alguém arrancar estas árvores que vão nascer no Jamar, símbolo ainda de como as crianças querem mudar o país, ganhar o espaço da sua felicidade.

E se elas o querem, se elas o disseram na Festa do Jamar, nas suas brincadeiras no parque das aventuras, nos seus trabalhos de actividade livre, disseram-no no barro que modelaram, nos desenhos que traçaram, nos objectos que fabricaram, se elas o disseram tão claramente, pioneiros e não pioneiros, progressista que se atreverá a travar-lhes o passo, que não se sentirá também obrigado a participar nesta gigantesca, difícil mas ímpar obra colectiva de construção de um país onde a infância seja a aurora da festa de trabalhar e viver?

Eu que tinha dito ao meu marido: "O que é que vamos lá fazer? Andar aos encontros, não há nada para aprender!". Pois só neste pavilhão pequeno aprendi muito e quando vejo estas fotografias e leio estes dizeres, até sinto vergonha de ter estado sempre tão longe, de não saber que era assim. Sinto vergonha e para não perder mais anos, que os melhores da minha vida já lá vão, eu não sei ainda como, mas vou começar a trabalhar com estas mulheres, lutar ao lado delas.

Como esta, quantas mulheres se não ganharam para Abril na Festa do "Avante!"?

MULHERES COMUNISTAS MULHERES DE ABRIL

"Carta de uma Mãe para um filho na guerra" reproduzida numa das paredes e a foto de uma velha camponesa, eis a primeira imagem de quem conseguiu romper no pavilhão da organização das Mulheres Comunistas, jamais vazio de mulheres e homens, de jovens e de velhos que ali tinham, num espaço relativamente pequeno, muito do país em que vivem.

Ainda à entrada, havia um manifesto das mulheres que na luta transformam o país e fazem o futuro. "Mulheres de Abril somos, mãos unidas na construção operária do país", dizia quase a finalizar. Depois eram quadros desta construção operária das mulheres que fizeram Abril, que de Abril são e que por Abril

combatem: era, por exemplo, a Marcha da Fome das Mulheres de Coimbra em 1943, a luta das Tecedeiras de Fafe em 1956, a Luta das Pescadoras de Matosinhos: fotos e palavras em que alguns, os mais velhos, reconheciam os tempos passados mas presentes na memória para que não mais regressem.

"A luta continua" eram palavras que não vimos em qualquer dos placards que ornamentavam o pavilhão das mulheres comunistas. E no entanto, estas palavras, esta ordem de combate estavam por toda a parte. Estavam, por exemplo, no painel onde se lia, entre outros dados: "em cada 100 desempregados, 50 são mulheres; em cada 100

analfabetos, 58% são mulheres"; em Janeiro de 1976, 55,7% das mulheres trabalhadoras recebiam salários inferiores a 5000\$000.

"A luta continua" e as razões porque continua estavam ainda expostas no painel luminoso de perguntas e respostas sobre a vida real das mulheres portuguesas, desde os distritos de Trás-os-Montes às terras onde a Reforma Agrária é construída pelos trabalhadores num dia-a-dia cheio de obstáculos e dificuldades.

"A luta continua, vem a ela também" são palavras que não se encontravam em nenhum local do pavilhão das mulheres comunistas. Mas muitos dos que lá passaram, dos que nunca se comprometeram na transformação do país, sentiram que era tempo de unir as mãos às mulheres de Abril e ouvimos, entre muitas palavras, estas ditas por uma mulher nem jovem nem velha, uma mulher das que encontramos todos os dias, neste país:

Eu que tinha dito ao meu marido: "O que é que vamos lá fazer? Andar aos encontros, não há nada para aprender!". Pois só neste pavilhão pequeno aprendi muito e quando vejo estas fotografias e leio estes dizeres, até sinto vergonha de ter estado sempre tão longe, de não saber que era assim. Sinto vergonha e para não perder mais anos, que os melhores da minha vida já lá vão, eu não sei ainda como, mas vou começar a trabalhar com estas mulheres, lutar ao lado delas.

Como esta, quantas mulheres se não ganharam para Abril na Festa do "Avante!"?



O circo, a Tómbola, os divertimentos

UM AMBIENTE DE ALEGRIA

A Festa do "Avante!" não foi «só» um grandioso acontecimento cultural, artístico e político. Foi também uma vibrante jornada de confraternização e de entusiasmo, vivida num ambiente de alegria, para o qual contribuíram as dezenas e dezenas de divertimentos, jogos e concursos, espalhados um pouco por todo o recinto.

E o «maior espectáculo do mundo» — o circo — também esteve na Festa, dignamente representado pelo Grande Circo Popular — Cooperativa, que proporcionou a crianças e adultos inesquecíveis momentos de «suspense»

e vibração, ao longo de cinco espectáculos (um na sexta-feira, dois no sábado e outros dois no domingo), que contaram com a presença de numeroso público.

Durante as nossas sessões, aqui na Festa do "Avante!", senti que os espectadores — sempre em grande número: as lotações estiveram sempre esgotadas — estavam a viver os diferentes números apresentados. Estou habituado às pistas do circo e ao público, mas, a verdade, é que vou impressionado pela forma como o circo foi apreciado e aplaudido nesta Festa! — afirmam-nos o amigo

Vitor, um dos palhaços do Grande Circo Popular — Cooperativa.

As sessões contaram com a participação, entre outros artistas, do cantor Nelson Ferrer, de trapezistas, dos indispensáveis palhaços (duo Vitor e Marinho) e de uma jovem encantadora de serpentes.

A TÓMBOLA ESTEVE SEMPRE A FUNCIONAR!

Tal como aconteceu o ano passado, dezenas de camaradas asseguraram na Tómbola a realização de

sorteios, no decorrer dos quais foram entregues numerosos brindes, nomeadamente artigos de países socialistas e ainda peças decorativas fabricadas em Portugal e materiais de divulgação e propaganda da Editorial "Avante!".

A Tómbola — que registou a presença de largos milhares de pessoas — funcionou permanentemente, tendo sido organizados quatro turnos no sábado e no domingo.

Ao todo, foram sorteadas mais de duzentas séries normais e diversas séries especiais. As rifas custaram 5\$00. O valor dos brindes oscilou entre os 250\$00 e os 1000\$00.



CENTENAS DE PESSOAS NO PAVILHÃO DE XADREZ

Visitando o nosso País pela primeira vez, o mestre de xadrez da União Soviética, Oleg Romanishin, campeão juvenil da Europa, medalha de ouro das Olimpíadas Estudantis, campeão da Europa por equipas e vencedor, este ano, de torneios em Inglaterra, Cuba e URSS, foi a presença saliente na Festa do "Avante!", cujo programa incluiu uma sessão de simultâneas conduzidas por este jogador soviético e por três destacados jogadores nacionais.

O pavilhão de xadrez da Festa do "Avante!" reuniu a presença de várias dezenas de praticantes, isto sem falar do elevado número de «curiosos» que se apinharam à entrada do pavilhão.

No sábado, entre as 16 e 30 e as 20 e 30, Oleg Romanishin participou num conjunto de simultâneas abertas (com 26 tabuleiros), e, no domingo, a partir das 20 e 40, juntamente com o campeão nacional, Fernando Silva, jogou uma série de simultâneas com relógio.

O facto de vários praticantes portugueses terem aproveitado a oportunidade para defrontar ou contactar o campeão soviético, o diálogo que se estabeleceu entre muitos jovens e Romanishin e a divulgação que foi feita da modalidade — são alguns dos aspectos mais relevantes da presença daquele jovem mestre do xadrez da URSS na Festa do "Avante!".

O DESPORTO TAMBÉM FOI MOTIVO DE CONVÍVIO

O desporto também foi motivo de agradável convívio para os jovens de todas as idades.

Promovidas pela União da Juventude Comunista (UJC) e União dos Estudantes Comunistas (UEC), decorreram várias provas desportivas nos campos anexos ao Vale do Jamar, nomeadamente futebol de 11, futebol de 5 e atletismo, com provas de pentatlo (peso, comprimento, 100 metros, 400 e 5000), e de estafeta (200 metros, 400, 800 e 1200), e ainda várias provas livres (100 metros, 400, 1500 e 3000).

Algumas das modalidades foram dirigidas por árbitros e juizes oficiais, que assim, prestaram um precioso contributo à Festa do

"Avante!", que também foi uma festa do desporto amador, uma festa de apoio à massificação do desporto.

De salientar a actuação das equipas de futebol da FMBP, GDC Tráfego e UMBA, constituídas por operários e outros trabalhadores, nomeadamente estudantes-trabalhadores, e dos atletas Joaquim Fonseca, Rui Santos, João Lisboa e Luís Nunes.

No decorrer dos contactos que estabelecemos com alguns dos participantes nas provas, foi sublinhada a importância das realizações desportivas na Festa do "Avante!", como jornadas de confraternização, de amizade e de divulgação do desporto, encarado na perspectiva da massificação.



A Festa e o sectarismo

A direita e todos os reacçãoários, o grupo dirigente do PS e outros destacados pluralistas da vida política portuguesa, volta não volta e quando têm falta de assunto, vão de se referirem longamente acerca do pretenso sectarismo dos comunistas. Já se tornou banal, já se tornou vulgar, ouvir este ou aquele dirigente reacçãoário, ler as prosas deste ou daquele órgão da direita, todos eles clamando que nada no nosso país é possível por causa do sectarismo dos comunistas.

Quem desconhecesse a dura realidade nacional e apenas tivesse acesso aos pluralistas canais de informação, dominados por esses sectores, poderia ser logrado. Mas o desenvolvimento do processo democrático português tem vindo a fornecer, a cada vez mais largas camadas da população, os instrumentos necessários para que se possa avaliar quem é, de facto, sectário e quem, na realidade, pratica uma política anti-sectária.

Qual o partido, qual a força política que poderia ter organizado, neste país, uma iniciativa tão aberta como a Festa do «Avante!»? Que organização poderia ter empreendido um conjunto de iniciativas onde mais de meio milhão de pessoas das mais variadas tendências presenciou espectáculos em que participaram artistas de diversas correntes estéticas e, até, ideológicas? Que partido se pode reclamar de ter conseguido edificar, num espaço de tempo extremamente curto, uma das mais belas cidades provisórias do nosso país, construída à custa do trabalho voluntário de centenas e centenas de trabalhadores sem partido ou de diversas filiações partidárias?

Estas perguntas assustam os reacçãoários e todos aqueles que estão interessados em impedir a unidade das forças democráticas, lançando calúnias sobre a política de unidade do PCP.

em oposição à Festa do «Avante!» foi, em todos os seus momentos e manifestações, o mais caladabamentido dessas atoardas. Vários exemplos se poderiam citar, mas referimos apenas mais um que demonstra claramente o alcance unitário desta gigantesca iniciativa que foi a Festa do «Avante!»: a célula dos artistas plásticos comunistas organizou uma exposição de artes plásticas que contou com a presença de cerca de 500 obras, o que constituiu, talvez, a mais importante e completa exposição de arte contemporânea jamais realizada no nosso país. Nela estiveram expostas obras dos mais representativos artistas plásticos portugueses.

É este o «sectarismo» dos comunistas. «Sectarismo» bem patente nas declarações que várias pessoas, das mais diversas tendências, tiveram oportunidade de referir e elogiar, dizendo: «Sou conhecido como tendo posições extremamente afastadas dos comunistas; mas, apesar disso, ninguém me disse nada, andei por onde quis e vi tudo o que queria ver. A Festa do «Avante!» é, de facto, uma grande festa popular».

Não são os comunistas que praticam o sectarismo. São, pelo contrário, os que atacam os comunistas de serem sectários, quem pratica o sectarismo. Basta ler os seus órgãos de imprensa e verificar o modo como se referiram à Festa. Basta passar os olhos pelo «Jornal Novo», por exemplo, e ver a mais completa prova de sectarismo e de manipulação. Este órgão da CIP ilustrou um seu artigo sobre a Festa do «Avante!» com uma fotografia tirada antes do início da Festa do «Avante!» com uma fotografia tirada antes do início da Festa em que se vê o Vale do Jamor quase completamente vazio.

O jornal reacçãoário «O Dia», por seu turno, esmagado pelo peso da nossa Festa, adoptou outra atitude: pura e simplesmente não se referiu a ela.

Quem, afinal de contas, pratica o sectarismo? Quem tem medo da verdade? Todos os que, diariamente, falseiam essa mesma verdade.

A Festa e a «concorrência»

A Festa do «Avante!» insere-se numa tradição de festas anualmente realizadas pelos órgãos centrais dos partidos comunistas e operários de todo o mundo, festas que são, em cada ano, um testemunho da capacidade de organização e da poderosa imaginação criadora dos trabalhadores e dos partidos de vanguarda.

O «Avante!» é o órgão central do Partido dos comunistas portugueses, um dos mais antigos e prestigiados no conjunto da imprensa operária e popular e aquele que, em todo o mundo, durante mais tempo e com maior regularidade resistiu na clandestinidade.

Mas nunca o «Avante!» pôde, durante largas dezenas de anos, realizar em Portugal a Festa que os trabalhadores desejavam. Tal só pôde concretizar-se após o 25 de Abril. Assim, em Setembro do ano passado, nas instalações da FIL, nasceu no nosso País a Festa que Portugal nunca tinha visto, a Festa que era a imagem do novo Portugal democrático, a Festa que reflectia as profundas transformações operadas no nosso país.

Um ano depois, os comunistas portugueses ergueram, ainda com maior grandiosidade, a Festa do seu órgão central. Tal facto, como é natural, abalou profundamente todos os reacçãoários e anticomunistas, todos aqueles que pretendem fazer regressar o nosso país a um passado de miséria.

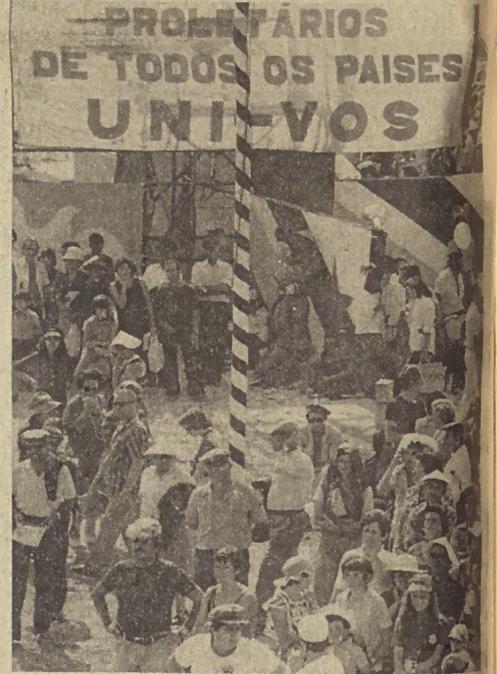
Incapazes de desmentir o grande êxito que constituiu a nossa Festa, os caluniadores e os boateiros pretenderam atingir esta grande realização dos comunistas e democratas portugueses de outro ângulo. E, então, vão de elaborar afanosamente a «teoria da concorrência». Dizem eles que a Festa do «Avante!» constitui como que uma réplica da já célebre «onda» da Figueira da Foz...

Quem propala tais atoardas mostra possuir memória curta. Muito antes da direcção do PS resolver meter água na Figueira da Foz, já os comunistas portugueses tinham realizado uma grande Festa; muito antes do dr. Mário Soares anunciar que ia à Figueira da Foz fazer ondas, já os comunistas portugueses e outros democratas sem partido erguiam no Vale do Jamor os alicerces da mais fraternal festa realizada no nosso País; muito antes da onda socialista ter rebentado nos rochedos da indiferença popular, já os trabalhadores se mobilizavam de Norte a Sul para as tarefas da Festa do «Avante!»

Se tais especuladores se tivessem dirigido durante estes três dias ao Vale do Jamor poderiam constatar que a sua teoria não tem nem pés nem cabeça e mete água por todos os lados — não há concorrência possível entre a solidez da realização erguida pelos comunistas e a pequenez de águas mornas de qualquer realização que se pretenda semelhante.

Os comunistas portugueses vão continuar a realizar anualmente a sua Festa, por mais que isso pese aos pescadores de águas turvas e mesmo que o PS, o PPD ou o CDS inventem ondas, vagas ou maremotos.

As iniciativas de massas do PCP não são realizações conjunturais destinadas a tirar «dividendos políticos», para utilizar a linguagem tão do agrado dos políticos da burguesia. Essas iniciativas reflectem a essência do Partido e da sua política, são o espelho da ligação do Partido às massas e da sua implantação popular. Nós não utilizamos as massas, não ameaçamos, segundo as conveniências, «Trazer as massas à rua». O PCP tem uma política popular porque é apoiada pelo povo e mergulha as suas raízes no povo. Sempre assim foi — sempre assim será.



SORTEIOS

Diversas organizações do Partido realizaram, durante a Festa, numerosos sorteios dos mais variados objectos. Eis os resultados de alguns desses sorteios:

SORTEIO DA CÉLULA DA NACIONAL RÁDIO - O Televisor Grundig, sorteado no domingo saiu ao número 6452;

GRANDE SORTEIO DA LUC - O primeiro prémio (uma motorizada Honda CB 50) coube ao número 2129; o 2.º prémio

(motorizada Camino) ao número 2532; 3.º prémio (um esquentador) ao número 3053; a máquina fotográfica Zenith coube ao número 9651; o número 5379 foi premiado com uma bicicleta IBA Corrida 27; o número 5699 foi contemplado com uma bicicleta IBA Pop 20; finalmente, uma bicicleta IBA 12, uma máquina de projectar «sildes», uma máquina de barbear e um quadro de Lénine foram ainda os prémios atribuídos, respectivamente, aos números 2367, 9742, 1903 e 5204.

NÚMEROS PREMIADOS NO 3.º SORTEIO

O 3.º sorteio de brindes da EP foi realizado na própria festa, conforme estava anunciado. Os milhares de utentes do já famoso cupão de Entrada Permanente habilitaram-se a valiosos brindes de que damos hoje o resultado.

- 1.º - 61 701 - Automóvel
- 2.º - 15 324 - Televisor
- 3.º - 5 343 - Serviço de chá chinês
- 4.º - 108 772 - Enceradora
- 5.º - 16 987 - Enceradora
- 6.º - 19 075 - Quadro em estanho
- 7.º - 16 418 - 1 colcha
- 8.º - 25 744 - 1 colcha
- 9.º - 55 651 - Discos no valor de 1000\$00
- 10.º - 21 126 - Livros da Editorial Caminho no valor de 1000\$00
- 11.º - 56 976 - Livros da Editorial Avante no valor de 1000\$00
- 12.º - 73 459 - Livros da Editorial Opinião no valor de 1000\$00
- 13.º - 34 726 - Tela Lénine
- 14.º - 146 558 - Desenho de A.Cunhal com moldura
- 15.º - 24 631 - Assinatura do «Avante!»
- 16.º - 74 449 - Assinatura da «EC»
- 17.º - 122 640 - Assinatura da «R. Internacional»
- 18.º - 55 619 - Assinatura «Poder Local»
- 19.º - 23 533 - «Seara Nova»
- 20.º - 19 420 - Assinatura da «Vida Soviética»
- 21.º - 74 956 - Assinatura de «O Militante»
- 22.º - 74 957 - Assinatura de «O Militante»
- 23.º - 1 923 - Assinatura de «O Militante»
- 24.º - 50 826 - Assinatura de «O Militante»
- 25.º - 128 487 - Assinatura de «O Militante»

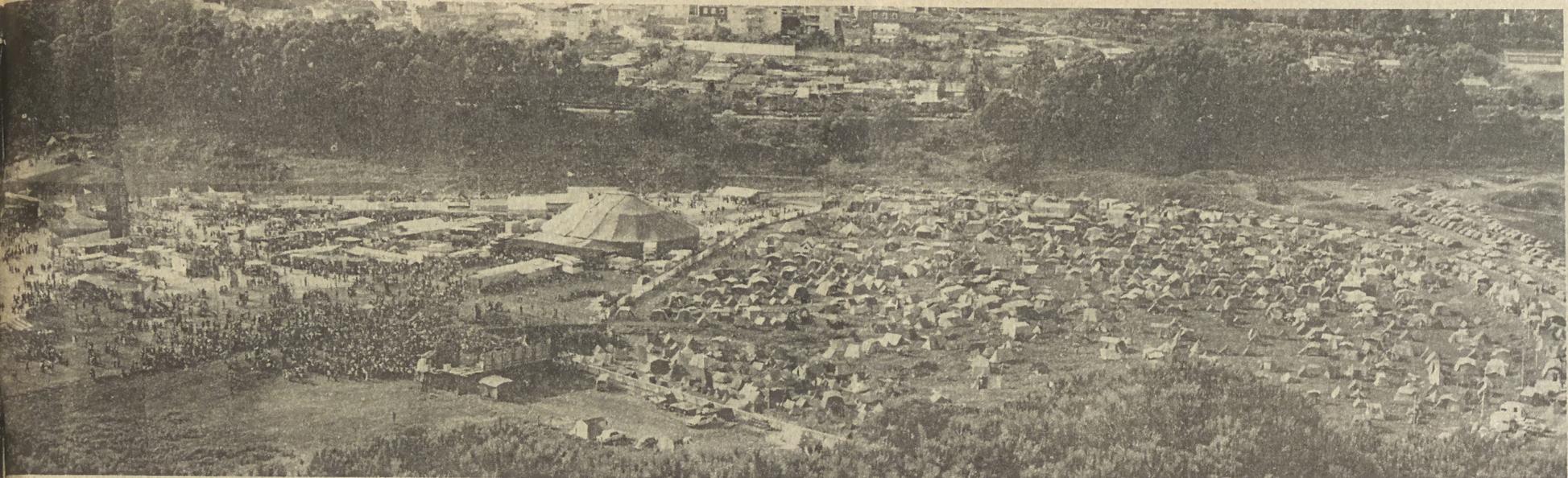
O TRABALHO NO JAMOR NÃO ACABOU COM A FESTA

A Festa acabava, demorando-se pela madrugada. Para as centenas de milhares de pessoas que a visitaram foi o regresso a casa, animado, o repouso dessa noite a preparar um novo dia de trabalho. Para muitos milhares de camaradas foi também um repouso de poucas horas, antes de voltarem ao trabalho intensamente, incansavelmente durante os três dias da Festa. Para muitos outros, que há semanas não pensavam nem faziam outra coisa que preparar o grande convívio colectivo que foram os dias 9, 10 e 11 de Setembro, não

pôde ainda haver repouso que assim se lhe possa chamar.

Com efeito, na segunda-feira começaram logo os trabalhos de desmontagem, de recolha de materiais que foram levados para o Jamor. Muitos e muitos camaradas, depois do seu dia de trabalho normal voltaram ao Jamor e ainda hoje continuam o seu trabalho. A eles se deve, também, e muito, o êxito da Festa, encerrando com chave de ouro o trabalho que permitiu o grande encontro patriótico que foi a Festa do «Avante!».





MAIS DE 150 MIL PESSOAS NO GRANDE COMÍCIO

Tal como estava anunciado, decorreu no último dia da festa um grandioso comício, em que usaram da palavra os camaradas Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, e Dias Lourenço, membro da Comissão Política do Comité Central do Partido e director do "Avante!", cujas intervenções publicamos à parte.

Presentes mais de 150 mil pessoas, homens mulheres jovens que estão com o Partido da classe operária na luta pela defesa da democracia e das outras conquistas alcançadas pelo povo trabalhador ao longo do processo revolucionário.

O comício — uma das mais impressionantes e vigorosas manifestações de carácter político até agora realizadas no

País — foi aberto pelo camarada Dias Lourenço, calorosamente aplaudido pela assistência, entre a qual se vivia um ambiente de entusiasmo vibrante, de firmeza e de confiança no futuro.

Depois de saudar todos os organismos do Partido, a UEC, a UJC e os Pioneiros, os trabalhadores das empresas contratadas pela Festa, os bombeiros e os elementos da PSP e da Brigada de Trânsito da GNR, o camarada Dias Lourenço referiu-se à participação, na nossa Festa, das 45 delegações dos órgãos dos partidos irmãos. Longos e vibrantes aplausos da assistência saudaram os camaradas estrangeiros. Momentos de particular emoção foram aqueles em que se recordou

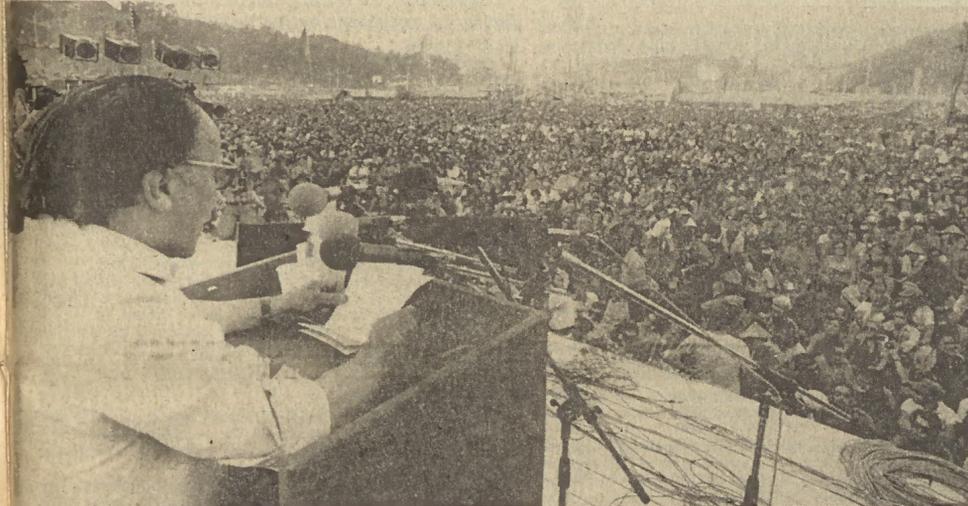
o golpe fascista de Pinochet e se denunciou os assassinios e as atrocidades praticadas pela Junta militar fascista e pelo imperialismo contra os patriotas chilenos, nomeadamente os comunistas e os socialistas, tendo-se evocado, em particular, a figura do presidente Salvador Allende que, fez no passado domingo quatro anos, tombou perante as balas assassinas dos esbirros fascistas.

Testemunhando a sua profunda solidariedade militante para com o Povo chileno, a multidão presente gritou várias vezes de punho erguido: "O Chile Vencerá!".

No decorrer do comício seria também calorosamente ovacionado o cosmonauta soviético, coronel Boris Volinov,

herói da URSS e um dos mais destacados astronautas do programa "Soyuz".

No seu discurso de hora e meia, o camarada Álvaro Cunhal, calorosamente aplaudido pela assistência, analisou os aspectos mais salientes da actual conjuntura política e sublinhou o significado e a importância da Festa do "Avante!", como grande manifestação de convívio, cultura e solidariedade. Inúmeras vezes interrompido pelos aplausos do público, o discurso de Álvaro Cunhal demorou mais de uma hora. Foi em ambiente de grande entusiasmo e vibração que terminou o maior comício partidário jamais realizado em Portugal.



SAUDAÇÃO DE DIAS LOURENÇO AOS QUE AJUDARAM A FAZER A FESTA DO JAMOR

Queridos Camaradas
Estimados Convidados
Amigos

É com grande alegria que em nome da Comissão Coordenadora Central da Festa e do colectivo dos trabalhadores do "Avante!" que a todos saúdo muito calorosamente.

A todos os que nos visitaram, e que tanta animação têm emprestado à Festa do "Avante!" com a sua presença, muito reconhecidamente agradecemos.

Dentro de poucas horas irá terminar esta segunda edição da nossa "Festa", e irá terminar, assim o esperamos, em beleza, com o entusiasmo e a alegria que durante estes três dias acenderam os nossos corações.

Queridos Camaradas e Amigos: a Festa deste ano não foi uma segunda edição pura e simples da Festa do ano passado. O que se fez aqui, nas terras do Vale do Jamor, tem comparação com a Festa do ano passado no entusiasmo, na alegria, na capacidade de trabalho e de organização dos comunistas, na sua mensagem de confiança no futuro.

Este ano, no Jamor, começámos do zero. A bela e pequena cidade que aqui foi montada em poucos dias teve de ser projectada, construída e decorada a partir dum matagal acidentado e espesso que ganhou dignidade com o trabalho esforçado de muitas centenas de camaradas que mereceu a consagração das centenas de milhares de amigos que nos visitaram.

Os reaccionários empedernidos, a quem a nossa Festa visivelmente não agradou, escreveram num dos seus pasquins que o Vale do Jamor se transformara num campo de concentração. É uma provocação; mas é compreensível o despeito e o ódio dos que querem, mas não podem, enterrar a democracia portuguesa.

Nestes dias febricitantes no Vale do Jamor houve, de facto, uma grande concentração de vontades, de espírito criador, de capacidade de direcção e organização e de labor esforçado de milhares de camaradas, de energias e de dedicação sem limites dos comunistas à nobre causa porque todos lutamos.

Nestes trinta dias que antecederam a Festa, milhares de toneladas de terras foram removidas e onde o mato e o relevo irregular do terreno quase não permitiam caminhar, foram rasgados os amplos e funcionais arruamentos que pisámos, nestes três dias.

Milhares e milhares de tubos e junções, quilómetros de tela, milhares de esteres de madeira e toneladas de materiais diversos foram utilizados na montagem e decoração de mais de cem pavilhões, alguns de linhas arrojadas, e ainda subdivididos em pequenos stands cheios de colorido. O trabalho criador operou prodígios no Vale do Jamor.

Permiti, camaradas, que desta tribuna expresse a admiração, o reconhecimento e a saudação muito particular aos camaradas que em condições difíceis e em prazos inacreditáveis tiveram de resolver complexos problemas técnicos de implantação, de distribuição de energia eléctrica e de iluminação, de esgotos, de abastecimento de água, de engenharia civil, de transportes, etc.

Expressamos o nosso reconhecimento a todos os camaradas, de todas as organizações do nosso Partido, que dia e noite, com um trabalho porfiado, eficiente e inteligente e vencendo dificuldades de toda a ordem, tornaram possível a própria realização da Festa.

Desde os trabalhos mais complicados e especializados às tarefas mais rudimentares e modestas os construtores da pequena cidade do Jamor merecem o nosso inteiro reconhecimento.

Desejamos saudar muito particularmente a brigada de jovens camaradas, rapazes e raparigas da UEC e da UJC que durante quase um mês, em condições de extrema incomodidade, deram aos trabalhos uma contribuição preciosa.

Uma palavra também para os nossos valentes jovens pioneiros que briosamente, como é timbre da sua organização, participaram também na construção da sua cidadezinha.

Também de maneira especial saudamos a equipa de camaradas médicos e enfermeiras que eficientemente prestaram a sua ajuda para que tudo corresse o melhor possível.

Queremos envolver na nossa saudação os trabalhadores da Contubos e doutras empresas contratadas, cuja colaboração foi decisiva para o êxito da Festa. Um muito obrigado especial aos bombeiros de Linda-a-Pastora, que tão prestimosos serviços nos prestaram, e à PSP e Brigada de Trânsito da GNR, pela eficiência do seu trabalho.

Não queremos também deixar de referir aqui a boa vontade de algumas autoridades e serviços oficiais e empresas públicas, quer na cedência do terreno quer em aspectos dos mais variados.

Se é verdade que para a preparação da Festa deparámos

com a visão tacanha, a cegueira política e mesmo a hostilidade de dirigentes de certos departamentos oficiais, é também verdade que vários outros deram mostras de boa compreensão e de espírito de abertura na resolução dos problemas que dependiam do seu pelouro.

A estes os nossos agradecimentos.

Camaradas e amigos, nesta segunda edição da nossa Festa, contamos, mais uma vez, com a participação na cidade internacional de representantes dos órgãos centrais da imprensa comunista e operária de numerosos partidos irmãos. Vários honraram-nos com a construção de stands, alguns de grande beleza, e todos elucidativos da luta, dos êxitos e realizações dos comunistas. Estão entre nós como convidados 45 delegações dos órgãos dos partidos irmãos e de movimentos de libertação.

Trata-se, portanto, de uma grande iniciativa internacionalista, de uma grande jornada de solidariedade internacional.

Este ano da nossa Festa é o ano do sexagésimo aniversário da grande Revolução Socialista de Outubro.

Permiti, camaradas e amigos, que saudemos, em primeiro lugar, os representantes do país do Grande Outubro — a União Soviética —, do partido de Lênine, o PCUS, e do seu órgão central — o "Pravda".

Saudamos com igual calor e espírito fraterno os representantes dos órgãos centrais dos partidos irmãos da RDA, da Bulgária, da Polónia, da Checoslováquia, da Hungria, de Cuba, da Mongólia, da Jugoslávia, da Roménia. Com particular alegria saudamos os representantes da imprensa dos novos países africanos de expressão portuguesa, do MPLA, da FRELIMO, do PAIGC e de São Tomé e Príncipe.

Órgãos da imprensa comunista e operária dos países capitalistas fizeram-se igualmente representar na nossa Festa. Saudamos os camaradas do "L'Humanité", do PCF; "L'Unità", do PCI; "Unsere Zeit", do DKP; "Rizospastis", do PCG; do "De Waarheid", da Holanda; "Die Wahrheit", do PSUBW; do "Land og Folk", do PCD; do "Volk Stimme", do PC da Áustria; da "Revista da Paz e do Socialismo".

Com igual calor saudamos os representantes dos órgãos centrais do PC do Uruguai, do PC da Argentina e, por último, com particular emoção do PC do Chile, heróico dirigente da luta da classe operária chilena, e cuja liberdade foi tão cruelmente suprimida, faz hoje precisamente 4 anos, pela ditadura fascista de Pinochet.

Vários outros tiveram a gentileza de nos enviarem as suas saudações cujo espírito solidário agradecemos.

Este ano, com algumas delegações, deslocaram-se à nossa Festa, convidados especiais. Na pessoa do cosmonauta, coronel Boris Volinov, herói da União Soviética e um dos mais destacados do programa "Soyuz", saudamos todos os que se dignaram aceitar o nosso convite.

A nossa Festa tem sido e será até ao seu encerramento uma grande jornada de solidariedade internacional — de solidariedade à luta do nosso Povo, solidariedade a todos os povos que sofrem a opressão fascista e colonialista. Daqui, da nossa Festa do "Avante!", enviamos a expressão de solidariedade de todos os presentes aos povos do Chile, do Uruguai, da Argentina, do Zimbábue, da Namíbia e outros cuja hora de libertação chegará.

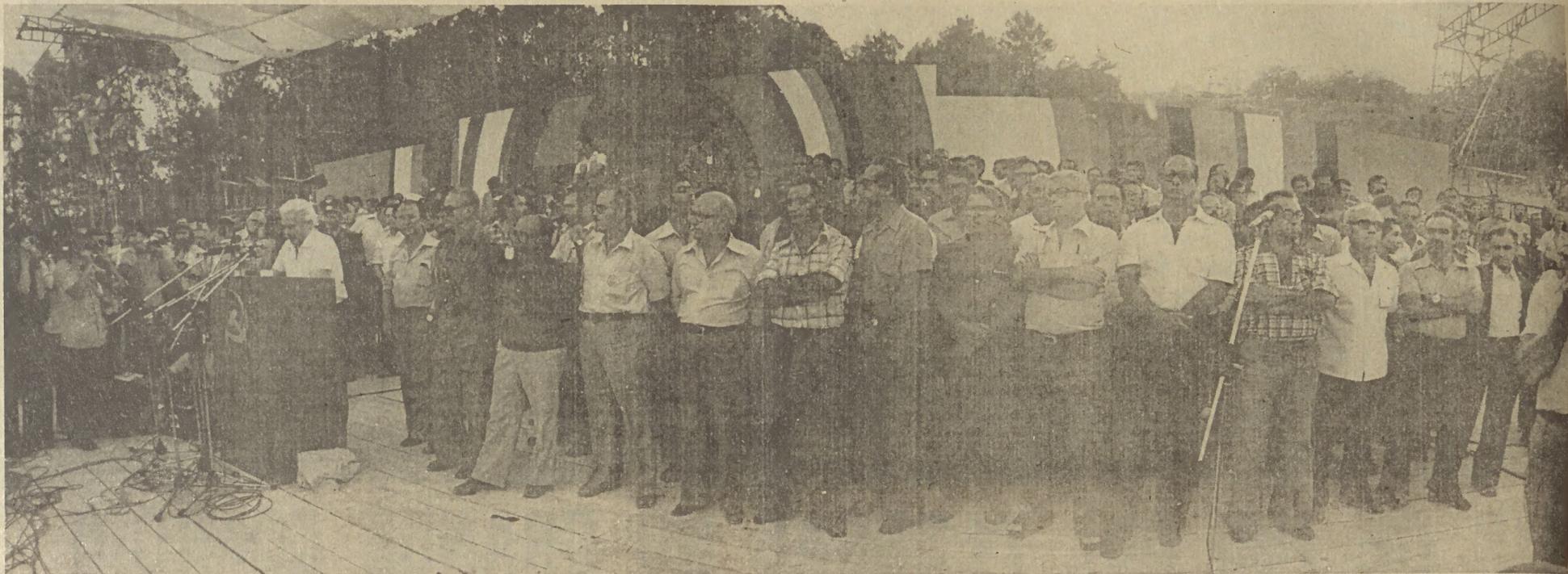
Camaradas:

A Festa do "Avante!" não teria a enorme projecção popular que tem tido no País se não tivesse contado com a participação de muitos dos melhores artistas da canção e da música progressistas que vieram, com a sua admirável classe, animar a nossa pequena cidade do Jamor.

Qualidade e juventude — duas coisas que nos têm sido reveladas nos vários palcos e tabladros da Festa, por mais de 700 artistas portugueses e estrangeiros nossos convidados. Este ano quisemos particularmente consagrar aqui a canção portuguesa nas suas múltiplas expressões. Mas grandes artistas estrangeiros progressistas honraram a nossa Festa com a sua presença e classe invulgar. Saudamos por isso, com todo o calor, os admiráveis músicos, cantores, actores, artistas plásticos, conjuntos artísticos, grupos folclóricos, grupos cénicos e outros que, juntamente com os nossos intelectuais de vanguarda deram à Festa do "Avante!" toda a sua expressão artística, cultural, recreativa e popular que a torna a realização mais importante levada a efeito, no género, em Portugal.

Camaradas e amigos: foi todo este conjunto que fez e há-de fazer da Festa do "Avante!" uma grande realização popular e democrática.

A Festa vai acabar: pensemos na próxima!
VIVA A UNIDADE DE TODOS OS DEMOCRATAS PORTUGUESES!
VIVA A SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL!
VIVA A FESTA DO "AVANTE!"
VIVA O PCPI



DISCURSO DO CAMARADA ÁLVARO CUNHAL NO GRANDE COMÍCIO DO VALE DO JAMOR

Camaradas:

Todos nos lembramos de que, perante o êxito extraordinário da Festa do «Avante!» o ano passado, nos recusaram a FIL para a Festa deste ano.

Como não existe em Lisboa outro recinto igual, julgavam condenar-nos a uma festa de proporções mais reduzidas.

Depois, quando nos decidimos por este vastíssimo campo, então completamente abandonado e cheio de matagais, houve quem dissesse: «não é possível».

E afinal, camaradas, foi possível. E não de proporções mais reduzidas, mas maiores. E foi possível assim, porque, em tudo o que depende do trabalho, da dedicação, do espírito de organização, da iniciativa, da imaginação criadora, do esforço colectivo, não há impossíveis para os trabalhadores e para o seu Partido. E com o Partido juventude comunista — a UJC e a UEC.

Um espelho do Partido

A Festa do «Avante!» é um espelho da política, da natureza de classe, da ligação com as massas, da forma de agir e do estilo de trabalho do Partido Comunista Português.

Apenas um partido em Portugal não tem receio de ter paredes de vidro: esse partido é o PCP.

Esta Festa do «Avante!» pelo que expressa de valor político, moral e cultural, pelo que aqui trouxeram as nossas organizações e militantes e aqueles muitos que, não sendo comunistas, nos deram o melhor da sua cooperação, permite a observação da realidade do nosso Partido e da sua política aberta e democrática.

Confiamos em que muitos daqueles que aqui vieram, não sendo comunistas, se sentirão depois da Festa mais próximos dos comunistas.

Creio, camaradas, que os trabalhadores, os homens e mulheres progressistas, todos quantos sinceramente desejam que prossiga o processo democrático, sentem com alegria o grande sucesso da Festa do «Avante!», sentem com alegria a vitalidade, o vigor, a militância, o apoio de massas do nosso Partido, que a Festa testemunha.

E sentem-no com alegria, porque se generalizam cada vez mais nos trabalhadores e em todas as forças democráticas a consciência e o sentimento de que o PCP é, na situação política actual, uma força política que representa papel determinante na defesa dos interesses dos trabalhadores e das conquistas da Revolução, é uma força indispensável para a recuperação económica do País, para o prosseguimento do processo democrático e para a defesa da Independência nacional.

Com os trabalhadores e as conquistas da Revolução

Tudo nesta Festa é uma vigorosa afirmação de que o PCP é o grande partido da classe operária e dos trabalhadores de Portugal.

Quem venha a esta Festa vê bem que o sangue que corre nas veias do nosso grande Partido é o sangue dos trabalhadores, dos operários, dos empregados, dos camponeses, dos técnicos, a que se juntam intelectuais, escritores e artistas, numa mesma aspiração de justiça social, num mesmo ideal de uma sociedade melhor, numa mesma vontade tenaz e inquebrantável que só pode ser dada pela certeza da vitória final.

A libertação das classes laboriosas da exploração e de todas as formas de opressão, é a razão de ser do nosso próprio Partido, é o objectivo que animou e inspirou a luta abnegada de muitas gerações de comunistas, que deu forças a milhares de homens, mulheres e jovens para defrontarem as dificuldades da vida clandestina, as perseguições, as prisões, as torturas, as condenações e a morte.

O PCP continua e continuará sempre por esse glorioso caminho.

Há quem se finja surpreendido com a coerência dos comunistas. Mas os comunistas não são camaleões nem vira-casacas, como tantos que por aí pontificam. Os comunistas são e serão sempre gente de palavra.

Por isso, o PCP luta e lutará contra a recuperação capitalista, latifundista e imperialista, que visa arrancar ao povo trabalhador tudo quanto de essencial conquistou com a Revolução.

Por isso o PCP defende e defenderá com o povo as conquistas da Revolução, designadamente a Reforma Agrária, as nacionalizações e o controlo operário, luta e lutará para a defesa e consolidação dessas conquistas, que são conquistas históricas do Povo português e parte integrante do regime democrático consagrado na Constituição.

A política do Governo PS sozinho é uma política que, em todos os seus aspectos, atende os interesses e as exigências do grande capital e procura que sejam os trabalhadores a pagar todo o peso das dificuldades económicas e financeiras provocadas em larga medida pela política do próprio Governo.

Essa política não serve nem o nosso povo nem o nosso País. A política do Governo actual é uma política que por um lado, a pretexto das dificuldades económicas e financeiras do País congela os salários, aumenta os preços, inventa um cabaz de compras que acaba por ficar meio vazio, diminui os salários reais em cerca de um terço no espaço de um ano, recusa aos pensionistas e reformados o pão de cada dia e por outro lado

atribui aos ricos fascistas, administradores dos bancos no tempo do fascismo, reformas de 28 contos mensais e decide dar 100 ou 200 milhões de contos de indemnizações aos grandes capitalistas e agrários.

Essa política não serve nem o nosso povo nem o nosso País. A política do Governo actual é uma política que, em vez de aproveitar as potencialidades da mão-de-obra disponível, leva a cabo deliberadamente, despedimentos e desemprego, tanto na indústria, como na agricultura, despedimentos que só no ano corrente terão atingido, não os 7200 confessados pelo Primeiro-Ministro, mas mais de 20 mil como afirmou o movimento sindical, e que fazem elevar já a 400 ou 500 mil o número de desempregados, dos quais cerca de 200 mil à procura de primeiro emprego.

Essa política não serve nem o nosso povo nem o nosso País. Talvez nenhum aspecto da política do Governo traduza melhor a sua opção de classe e o seu ódio aos trabalhadores que as decisões relativas às empresas intervencionadas.

A orientação do Governo é uma só: restitua-se aos patrões. Desta forma foram restituídas 52 empresas em que se tinha verificado a fuga dos patrões, a sabotagem económica, a insolvidabilidade e o risco de encerramento e as mais diversas irregularidades.

E o que se observa agora nessas empresas desintervencionadas com o uso da força?

O caso geral são perseguições, despedimentos em série, redução ou suspensão de salários, terror e provocações ou novas fraudes do patronato reacconário.

Os trabalhadores não aceitam como receita para a «reestruturação» das empresas, o desprezo completo pelas propostas e planos de reconversão apresentados pelos trabalhadores, pelos resultados do controlo e da gestão dos trabalhadores e a restituição aos patrões, despedimentos em massa, envio de trabalhadores «para armazém» como agora dizem os tecnocratas de direita.

Isso será perfeitamente natural para os arautos do pseudo-socialismo na abundância que afinal se revela ser capitalismo puro, de abundância sim para os ricos que nada fazem e de miséria para os que trabalham e tudo produzem; mas não é natural e não é nem será aceite pelos trabalhadores portugueses.

Daqui expressamos aos trabalhadores das empresas intervencionadas e desintervencionadas a nossa inteira e fraternal solidariedade e lutaremos para que sejam reparadas as injustiças praticadas com as desintervencções.

Nos últimos dois anos, a política de recuperação capitalista, latifundista e imperialista foi insistentemente prosseguida, mas a recuperação foi lenta, porque contrariava, como continua a contrariar, a nova realidade portuguesa, as necessidades objectivas da economia nacional e os interesses, aspirações e objectivos do Povo português.

Por isso o Governo PS, em aliança com o PPD e o CDS, preparou uma ofensiva geral contra as conquistas da Revolução, através de uma série de leis aprovadas na Assembleia da República, leis que os nossos deputados justamente designaram como «contra-revolução legislativa».

Já que vivemos na época da política dos «pacotes» foi um verdadeiro «pacote» de leis contra o povo, contra o País, contra a Constituição, contra a democracia portuguesa.

Foi a lei da chamada delimitação dos sectores público e privado, que põe em causa as nacionalizações.

Foi a monstruosa lei Barreto, lei da contra-reforma agrária, lei da restauração dos latifúndios e das grandes explorações capitalistas.

Foi a lei do arrendamento rural, da autoria do PPD, que arranca a mais de 200 000 Pequenos rendeiros os justos direitos que haviam alcançado depois do 25 de Abril.

Foi a lei das indemnizações com que se pretende entregar milhões de contos a exploradores e parasitas.

E a completar estas leis, o novo Código dos Investimentos Estrangeiros e os empréstimos externos gravosos para a Independência nacional.

Fracassada no essencial a ofensiva de recuperação capitalista, agrária e imperialista, desencadeada há cerca de dois anos, trata-se agora da criação dos instrumentos jurídicos para desencadear uma ofensiva global contra as conquistas da Revolução, ofensiva visando, não já só a recuperação de tais ou tais empresas e herdades, mas a restauração do poder económico e político do grande capital e dos latifundários, dos Melos, Espíritos Santos, Champalimauds, Vinhas, Britos & C.ª, daqueles mesmos que dominaram, exploraram e tiranizaram o nosso povo durante quase meio século de fascismo.

A uma tal política, nós os comunistas, com o apoio das classes trabalhadoras, sempre dissemos e sempre diremos não!

O nosso Partido fez os possíveis e os impossíveis para que estas leis não fossem aprovadas. Demonstrámos que elas são frontalmente contrárias à Constituição e desmascarámos os seus objectivos. Dispussemos-nos apesar disso a negociar e fizemos centenas de propostas de emendas, designadamente ao Projecto Barreto.

Mas as nossas propostas foram rejeitadas e o Governo PS, confirmando estar ao serviço dos capitalistas e agrários contra os trabalhadores, em vez de procurar acordos com o PCP, entendeu-se com o PPD e o CDS, marcando uma capitulação histórica do grupo dirigente do PS, como partido que sempre se afirmou democrático, socialista e dos trabalhadores.

Estamos certos, camaradas, de que os trabalhadores e todas as forças progressistas, independentemente das suas filiações políticas, apoiaram a nossa batalha contra estas leis e apoiaram a firme actuação dos deputados comunistas na Assembleia da República, que assim cumpriram com honra o mandato recebido dos seus eleitores.

E estamos certos de que apoiam também a nossa luta firme e inquebrantável em defesa das nacionalizações, da reforma agrária, do controlo operário, da independência nacional, da perspectiva socialista da democracia portuguesa.

As conquistas da Revolução estão ameaçadas, mas a luta continua. Continua e acabará por triunfar.

Em defesa da Reforma Agrária

Tudo nesta Festa é uma vigorosa afirmação de que o PCP é o grande Partido da Reforma Agrária, realização que é justo motivo de orgulho dos trabalhadores e de todas as forças progressistas de Portugal.

O PCP luta e lutará firmemente e sem quaisquer vacilações até que a Reforma Agrária, parte integrante do regime democrático português consagrado na Constituição, ponha de uma vez para sempre fim aos latifúndios e entregue de uma vez para sempre, com garantias para sempre, a terra a quem a trabalha.

A lei Barreto contraria de tal forma os interesses vitais do povo trabalhador, é de tal forma nociva à economia nacional, contraria tão frontalmente a realidade económico-social hoje existente, provoca inevitavelmente tais dificuldades e conflitos, que (estamos certos) a vida mostrará (como já está a mostrar) o MAP procurando aplicá-la ainda antes da promulgação) o seu carácter monstruoso. Se for promulgada, acabará por ser suspensa, revogada e substituída por outra melhor.

O PCP luta e lutará firmemente contra a política agrária do Governo PS aliado à direita, que pela força e a violência, procura arrancar as terras expropriadas às UCPs e Cooperativas para as entregar aos grandes senhores ou a meia dúzia de lacaios e afilhados.

O PCP luta e lutará firmemente contra o novo regime do arrendamento rural aprovado na Assembleia da República pela aliança do PPD-PS-CDS e que pretende retirar aos pequenos rendeiros os direitos que haviam alcançado com a Lei do Arrendamento Rural de 1975.

Daqui expressamos aos trabalhadores da Reforma Agrária e aos pequenos rendeiros do Norte, do Centro e do Sul a nossa intensa e activa solidariedade.

Contra os agrários e capitalistas, contra os senhorios ricos, contra a exploração, contra o desemprego e a miséria, por uma vida desafogada, por uma agricultura florescente, estamos e estaremos sempre com aqueles que trabalham a terra.

Uma política que não tem apoio do povo, uma política que, para ser aplicada, tem necessidade em cada caso, de empregar grandes forças militarizadas, a violência, as agressões, as espedeiradas, os espancamentos, para se impor, uma política animada do ódio para com aqueles que trabalham e de subserviência e desvelo para com os exploradores, não é, nem pode ser uma política democrática e acabará por ser derrotada.

Queremos porém uma vez mais lembrar que o PCP luta no quadro das instituições democráticas e as insinuações infames de algumas personalidades e jornais contra o PCP e os trabalhadores da zona da Reforma Agrária mostram a que ponto a provocação fascizante invadiu sectores que se afirmam pluralistas.

Queremos aqui reafirmar que o PCP repudia e condena indignadamente os atentados bombistas nas instalações do MAP.

Trata-se de uma provocação criminosa contra a Reforma Agrária, venha ela de grupos terroristas fascistas, venha de aventureiros esquerdistas irresponsáveis fazendo o jogo da reacção e de todos os inimigos da Reforma Agrária.

O PCP reclama medidas energéticas para a descoberta, prisão, julgamento e castigo severo dos provocadores bombistas.

É tempo de acabar com os grupos terroristas que por aí onxamiam, alguns dos quais fazem pública e impunemente ameaças criminosas e gozam há muito de tolerâncias e protecções.

É tempo de tomar medidas sérias contra o terrorismo, venha ele de onde vier, garantindo segurança e tranquilidade aos portugueses.

Quem visite a Festa do «Avante!» encontra nela inúmeros testemunhos de que os trabalhadores e os pequenos e médios agricultores, as UCPs e as Cooperativas agrícolas da zona da Reforma Agrária, os pequenos rendeiros do Norte, do Centro e do Sul, levam a cabo um trabalho gigantesco para assegurarem a produção agrícola, para darem uma contribuição à diminuição das importações de produtos agrícolas e à recuperação da economia nacional.

Nos saudamos daqui a decisão clarividente da Assembleia de delegados das UCPs e Cooperativas realizada em Évora no dia 4, segundo a qual os heróicos trabalhadores da Reforma Agrária, que têm os alqueives fritos ou em preparação, resolveram empreender a campanha das sementeiras de Outono, de forma a completar a tempo todos os alqueives e a não deixar por semear um palmo de terra alqueivada.

Nos saudamos a decisão anunciada pelos trabalhadores da Reforma Agrária de trabalharem por turnos para melhor aproveitamento das máquinas, de fazerem mais horas, de trabalharem sábados e domingos, se necessário.

Enquanto os exploradores e parasitas conduzem a economia portuguesa ao descalabro, à ruína e ao colapso, enquanto os agrários estão deixando ao abandono as terras que o MAP arbitrariamente lhes entrega a Reforma Agrária lança-se ao

trabalho para assegurar no ano agrícola que começa, o pão para os portugueses.

Prova-se uma vez mais que é com as conquistas da Revolução e não contra elas, é com os trabalhadores e não contra eles, que se defende a democracia e a economia nacional.

Parece que aquilo que o MAP queria é que as UCP e as Cooperativas não produzissem para depois justificar arrancar-lhes as terras.

Mas, contra esse cínico plano, as UCPs e Cooperativas, apesar de feridas e atingidas por reservas e desanexações arbitrárias e legais, por cortes de créditos, por discriminações e chantagens, por violentas acções repressivas, apesar da lei Barreto, apesar de tudo isso, vão alqueivar o que falta para alqueivar, vão semear, vão produzir e tudo farão para produzir mais e melhor.

A propaganda reacconária e o MAP atacam por se ter cão e atacam por se não ter. A propaganda reacconária e o MAP desenvolveram uma intensa campanha contra as UCPs e Cooperativas da Reforma Agrária acusando-as de não alqueivarem as terras e de se prepararem para não as semearem.

Agora que as UCPs e Cooperativas decidiram levar os alqueives até ao fim, acusam-nas precisamente de as querer alqueivar e semear.

Até agora gritavam: Dêem as terras aos agrários e aos capitalistas porque os trabalhadores não as querem semear.

Agora gritam: Dêem as terras aos agrários e capitalistas porque os trabalhadores as querem semear.

Pois bem. Os trabalhadores e as forças progressistas de Portugal actuarão, lutarão, trabalharão para que não tenha lugar a recuperação latifundista, para que a Reforma Agrária se consolide e seja levada a bom termo.

A decisão das UCPs e Cooperativas relativa às sementeiras de Outono mostra a elevada consciência cívica, política, moral e patriótica dos trabalhadores e dos pequenos e médios agricultores da zona da Reforma Agrária.

E mostra qualquer coisa mais. Mostra a inabalável confiança dos heróicos trabalhadores alentejanos e ribatejanos na defesa e prosseguimento da Reforma Agrária.

Creio, camaradas, que nesta nossa grandiosa Festa, está bem presente essa mesma confiança em tudo quanto aqui trazem e mostram as organizações do Partido. O povo português ultrapassará as dificuldades actuais, a ofensiva contra a Reforma Agrária não passará, e a Reforma Agrária, por muito acidentado que seja o caminho, acabará por triunfar e ser completamente realizada.

Pela recuperação económica contra a recuperação capitalista

A Festa do «Avante!» é uma vigorosa afirmação de que a política e actividade do PCP estão em grande parte voltadas para os problemas económicos, para a produção agrícola e industrial, para os circuitos comerciais, para a recuperação económica do País.

Enquanto a política do Governo PS afunda cada vez mais Portugal no turbilhão dos défices da balança comercial e de pagamentos, a política económica apontada pelo PCP, designadamente na Conferência Económica de 4 e 5 de Junho, indica claramente qual o caminho para a saída da crise.

Os factos vão demonstrando dia a dia de forma irrefutável que uma política que visa a destruição das conquistas da Revolução e a recuperação capitalista, latifundista e imperialista, não conduz à recuperação económica do País, mas ao agravamento da situação económica e financeira.

Os dirigentes do PS estão sempre a falar da pesada herança que receberam dos primeiros quatro Governos Provisórios.

Qual foi, porém, essa herança? Ao formar-se o VI Governo Provisório havia consideráveis reservas de ouro não hipotecado.

Depois foi o descalabro. Os défices da balança comercial passaram de 43 milhões de contos em 1975 para 63 milhões em 1976. A dívida pública e a dívida do Banco de Portugal, somadas, subiram de 34 milhões de contos em fins de 1975 para 119 milhões de contos em Maio de 1977. O endividamento externo subiu vertiginosamente até atingir cerca de 170 milhões de contos na actualidade (incluindo dívidas privadas com garantia do Estado).

A parte do ouro hipotecado passou de 3,5% em Setembro de 1975 para 50% actualmente, se é exacto o que diz o sr. ministro.

A herança, afinal, era uma boa herança, mas PS-PPD no VI Governo e PS sozinho no Governo actual, por incompetência, incuria, afã de satisfazer a gula revanchista do grande capital, dos agrários e do imperialismo, esbanjaram a herança e em vez de conduzirem ao «socialismo da abundância» estão a apertar cada vez mais o cinto ao povo.

Em 25 de Fevereiro, ao apresentar ao País o 1.º pacote, o Governo afirmou que as medidas então decididas e os sacrifícios então impostos ao povo português diminuiriam os défices das balanças comercial e de pagamentos.

O nosso Partido desmascarou então a falsidade e o erro de tais medidas.

Quem tinha razão? Quem falou verdade? Quem previu a evolução da situação?

Os factos mostram sem sombra de dúvida que quem tinha razão, quem falou verdade, quem previu e preveniu o povo português dos resultados de tal política e de tais medidas, não foi o Governo, mas o PCP.



Os défices das balanças comercial e de pagamentos, em vez de diminuírem, como anunciava o Governo ao justificar o 1.º pacote, continuaram a aumentar.

Agora o Governo anuncia o 2.º pacote de medidas económicas. Este 2.º pacote não vale mais do que o 1.º. Não só não resolverá nenhuns problemas, como certamente os agravará a todos.

A continuar esta política em breve virá o 3.º pacote, ao 3.º sucederá o 4.º e assim por diante, até à bancarrota.

O povo português não poderá aceitar que, para servir os interesses de camadas parasitárias, um Governo possa continuar com uma política errada e cega a sacrificar o povo português e a conduzir Portugal para o desastre.

Nega o Governo ter realizado negociações com o FMI. Mas que andavam para aí a fazer as missões do FMI, que aliás falaram a torto e a direito e procuraram muita gente além do próprio Governo?

Em vez dos desmentidos formais de negociações com o FMI e de aceitação de condições do FMI, melhor seria que o Governo esclarecesse se os Mellos integraram ou não delegações do FMI ou intervieram como seus conselheiros. Melhor seria que o Governo esclarecesse o povo português das exigências que fez o FMI para conceder grandes empréstimos e das cedências que o Governo fez como preço para receber esses empréstimos.

O facto é que, antes do 1.º pacote, como antes do 2.º, já se sabia das exigências do FMI. Nós referimos publicamente quais elas eram. E o facto de que o 1.º e o 2.º pacotes correspondem inteiramente a essas exigências, (desvalorização da moeda, restrições ao crédito, declaração de diminuição de despesas orçamentais, aumentos das taxas de juros, aumentos de preços, redução dos salários, despedimentos em massa) mostra que a política económica e financeira do Governo significa uma capitulação nacional ante as exigências do imperialismo.

O PCP opõe-se firmemente a uma tal política e luta e lutará para que a política do Governo de Portugal não seja determinada pelos interesses do grande capital e dos grandes agrários, nem pelas exigências do imperialismo, mas pelos superiores interesses do povo português e da pátria portuguesa.

Em defesa da independência nacional

Os pavilhões, os stands, as palavras de ordem, os objectivos expressos, os problemas presentes, o convívio, os debates, as manifestações de cultura, com a modéstia de uma grande festa popular mas com a força que lhe confere a vontade dos trabalhadores e a energia de um Partido revolucionário, dão uma ampla panorâmica da vida económica, social e política de Portugal e dos grandes problemas da actualidade.

Tudo nesta Festa é uma vigorosa afirmação da política nacional e patriótica do PCP.

A política do Governo actual torna Portugal cada vez mais vulnerável e dependente do imperialismo e representa uma ameaça crescente para a independência nacional.

A dívida externa e os seus encargos constituem um garrote que aperta cada vez mais a economia e a independência.

Isto não é motivo de glória para um Governo, ao contrário do que este pretende, mas uma prova mais de que a sua política económica falhou estrondosamente, de que, a sua política económica e financeira fere gravemente os interesses nacionais.

Quando o imperialismo oferece auxílio é necessário logo procurar descobrir quais são as vantagens e benefícios que o imperialismo pretende tirar.

Que auxílio deu o imperialismo a Portugal? O auxílio à ditadura fascista antes do 25 de Abril? A sabotagem à economia portuguesa para tentar afundar com o caos económico a nossa jovem democracia depois do 25 de Abril? Ou as anulações de encomendas a empresas nacionais? Ou os despedimentos em massa, o encerramento ou a redução drástica da produção em multinacionais? Ou as pressões da mais variada espécie contra a democratização da vida nacional e em defesa do capitalismo monopolista?

Não, camaradas, do imperialismo da «Europa Conosco» o nosso povo não conheceu qualquer auxílio, mas hostilidade, pressões económicas e políticas, as ingerências e intromissões na nossa vida interna, a favor da reacção e contra a Revolução portuguesa, contra o nosso povo e o nosso País.

Por isso, quando recentemente depois de posta de conserva a operação Mercado Comum, o Primeiro-Ministro referiu que os seus amigos sociais-democratas alemães têm um "grande plano de auxílio" aos países pobres da Europa do Sul, chamando a tal plano "uma ideia fecunda" para resolver os problemas económicos desses países, entre os quais Portugal, poderá alguém ter ficado a pensar numa súbita generosidade do capitalismo oeste-alemão.

O ministro do Trabalho da RFA (numa entrevista publicada no «Bild Zeitung») explicou, porém, tal plano de outra forma. Diz ele que tal plano tem como objectivo o empréstimo de dinheiro a esses países, sob condição de o utilizarem para comprar à RFA produtos da sua indústria, de forma a relançar (é o ministro da RFA que o diz) a economia e a liquidar o desemprego na RFA.

Quer dizer: a «ideia fecunda» de que fala o Primeiro-Ministro português, lá fecunda é, mas para o capitalismo da RFA, para que possa resolver as suas dificuldades económicas à custa dos países pobres da Europa do Sul, entre os quais Portugal.

Não é de tais auxílios que Portugal precisa. Nós defendemos relações de amizade e cooperação com todos os povos do mundo, na base do respeito pela independência, a soberania, os interesses mútuos.

Somos contra a subserviência e a capitulação. O PCP tem numerosas vezes sublinhado não ser desfavorável ao crédito externo e mesmo aos investimentos externos. Mas com respeito pelos interesses nacionais e não com concessões constantes, contínuas, humilhantes para o nosso país, amarrando cada vez com mais força as cadeias da nossa dependência.

O que se passa com os empréstimos passa-se também com os investimentos.

O novo código dos investimentos externos liberaliza ainda mais as remessas para o estrangeiro de royalties, de remunerações e de lucros mesmo de capitais não importados,

deixa campo livre à subfacturação e à sobrefacturação, escancara a economia portuguesa à avidez das multinacionais.

Tudo isto traduz uma política que entrega Portugal de mãos atadas ao estrangeiro, quando a situação exige uma política externa de defesa e brio nacionais, assente na ideia de que nós os portugueses somos capazes de resolver por nós próprios os problemas do nosso próprio país.

O PCP tem insistido na urgência de uma política nacional e patriótica, que vise resolver as dificuldades existentes fundamentalmente na base dos recursos nacionais e do esforço nacional, que nos libertem o mais rapidamente possível desse plano inclinado para o abismo que é a ruína panaceia dos empréstimos externos.

O que se impõe é uma política externa segura, nacional, independente que acabe de vez com o enfeudamento a tal ou tal país.

O que se impõe é uma política portuguesa, que permita o aproveitamento dos recursos nacionais e do trabalho nacional, não para encher os bolsos dos capitalistas e imperialistas, mas para assegurar a recuperação da nossa economia, o bem-estar do povo português e a independência da nossa pátria.

A luta pelas liberdades

Tudo nesta Festa é uma vigorosa afirmação de que o PCP é o grande partido da liberdade e da democracia.

Só um partido inspirado, na sua actividade política, pelos ideais democráticos e todo ele, na sua vida interna, orientado por métodos democráticos poderia realizar o gigantesco trabalho colectivo que tornou possível esta Festa.

Só homens, mulheres, jovens, pioneiros, conscientes da sua liberdade e dos seus direitos e deveres e educados em métodos democráticos, poderiam realizar (em equipas que somaram muitos milhares de pessoas) o trabalho voluntário e voluntarioso, esforçado e entusiástico, dedicado e por vezes heróico de que resultou esta grande realização, democrática pela sua concepção, pela sua mensagem política, por tudo aquilo quanto traduz e afirma.

Em matéria de liberdade e democracia o PCP não tem lições a receber de nenhum outro partido e pode certamente dar algumas.

E a primeira é a afirmação de que, num regime democrático, uma política democrática não tem necessidade, para ser aplicada, do recurso à repressão contra o povo.

Uma política democrática é aplicada e executada de boa vontade pelo próprio povo.

O PCP previu e preveniu que a política de recuperação capitalista e latifundista seria inevitavelmente acompanhada de limitações das liberdades e do recurso a medidas repressivas.

Os factos comprovaram as nossas previsões e prevenções. Cada vez mais isolado do povo, e cada vez mais isolado do seu próprio partido, o Governo PS, à falta de argumentos, de poder de convencimento e de apoio dos trabalhadores, multiplica os atentados às liberdades e entra no caminho da imposição sistemática da sua política através do emprego da força.

Na frente das desintervenções e da entrega das empresas ao patronato sabotador, a ocupação militar, a expulsão violenta dos operários, a prisão de membros das Comissões de Trabalhadores, aparecem como métodos correntes do Governo de um partido que insiste em afirmar-se um partido de trabalhadores, mas que mostra na prática de cada dia a sua subserviência às exigências do capital.

Na frente da Reforma Agrária e da entrega arbitrária e ilegal de terras aos agrários, a capitalista e a afiliados, o emprego da violência torna-se a forma corrente de aplicação das decisões do Governo PS, revelando o significado do «socialismo em liberdade» do seu grupo dirigente.

Na frente do trabalho, das actividades profissionais e da intensificação da exploração nas empresas, o Governo ao mesmo tempo que readmite e promove fascistas e reaccionários, no aparelho de Estado, continua os saneamentos de democratas, a coberto de «conveniências de serviço», dá cobertura nas empresas capitalistas ou desintervencionadas a despedimentos por motivos políticos, a perseguições, a expulsões de delegados sindicais e de membros das Comissões, à utilização de gangs e milícias privadas de arruaceiros para agredir e espancar trabalhadores, à reinstauração nas empresas do clima de violência, repressão e terror do tempo do fascismo.

Na frente da comunicação social, sentindo fugir-lhe a opinião pública, o Governo PS monopoliza (de parceria com o PPD e o CDS) a TV e a Rádio, torna os jornais estatizados pagos pelos dinheiros públicos órgãos de propaganda sectária do PS e, não conseguindo mesmo assim os seus fins, lança o chamado plano Roque Lino, que irá reforçar ainda mais o monopólio do PS na imprensa que continua estatizada, entregando outra parte dela

ao grande capital que a sabotou e a levou à falência, liquidando alguns jornais e decretando despedimentos em massa.

Na frente da propaganda, ao mesmo tempo que dá rédea solta aos fascistas para todas as infâmias e apelos ao crime, ao mesmo tempo que concede a provocadores nazis o direito de ameaçar com o fuzilamento os capitães de Abril e de anunciar actividades de conspiração e terror, manda a polícia pela calada da noite arrancar dícticos com vivas à Reforma Agrária ou com o anúncio da Festa do «Avante!» e faz prender militantes comunistas incluindo deputados pelo facto de fazerem pinchagens.

Na Figueira da Foz as autoridades PS mandam num dia arrancar dícticos anunciando um comício do PCP, para no dia seguinte afixarem dícticos anunciando a «Onda» que afinal não trouxe do mar o sr. Primeiro Ministro.

São elogiados juizes que libertam e elogiam pides e são transferidos juizes que decidem a favor dos trabalhadores.

Os verdadeiros democratas lutam e lutarão para que na democracia portuguesa se não instaure a lei do funil: larga para uns (a reacção) e estreita para outros (os trabalhadores).

A estranha concepção de liberdade e de pluralismo do Governo PS estimula a intensificação das actividades fascistas e a arrogância dos seus bombistas e provocadores.

No Continente multiplica-se a propaganda fascista mais ignóbil, os conspiradores e provocadores movimentam-se livremente, os bombistas reparacecem.

Na Madeira e nos Açores, a capitulação do PS ante o PPD e o CDS dá asas ao separatismo.

Na Madeira o jornal «Zarco» acusa impunemente Portugal de colonizar os arquipélagos, insulta a bandeira nacional, defende provocadores separatistas e faz apelos a governos estrangeiros para que intervenham em Portugal.

Nos Açores, traidores a mando do imperialismo, ao mesmo tempo que fazem atentados bombistas, exigem (em inglês), a independência imediata de arquipélagos.

Toda esta situação indica a necessidade urgente de se assegurar realmente em todo o País o exercício das liberdades e direitos consagrados na Constituição.

Indica a necessidade da formação de um governo verdadeiramente democrático, não em palavras mas nos actos, um governo que não utilize, como o faz o Governo PS, métodos arbitrários, autoritários e repressivos, um governo que faça respeitar a ordem democrática mas que comece ele próprio por respeitá-la também.

Nova política, novo governo

Por tudo isso, o CC do nosso Partido, na sua reunião plenária de 31 de Julho, considerou que o actual governo não serve o Povo nem o País, é o pior governo desde o 25 de Abril, é, nas condições actuais, o Governo ideal para o grande capital e os latifundiários, porque esta mesmíssima política da direita do Governo PS seria combatida em massa, não apenas pelos comunistas, mas também pelos socialistas se fosse realizada por um governo PPD e CDS.

Por isso se coloca a necessidade de uma nova política e de um novo governo.

Por isso se coloca com agudeza o problema da substituição do Governo PS sozinho por um governo melhor, mais capaz, com um mínimo de competência e imaginação que este não tem, mais respeitador da Constituição e da vontade do Povo, dispondo do apoio dos trabalhadores e capaz de resolver os graves problemas nacionais.

Parafraseando o sr. Primeiro-Ministro, o Governo actual «incumoda» demasiado o Povo português para que este o possa aguentar por muito tempo.

Antes que, pacote atrás de pacote, o Governo empacote o Povo, a democracia e a independência nacional, é necessário empacotar o Governo e dar pelo menos à maioria dos senhores ministros a democrática possibilidade de ganharem a vida noutros ofícios para que mostrem melhores aptidões.

Por outras palavras: ante o carácter antipopular e o estrondoso fracasso da política do Governo PS sozinho aliado ao PPD e CDS, a substituição do actual Governo entrou na ordem do dia na vida política nacional.

Os dirigentes do PS nem se apercebem de que o PPD e o CDS os empurram por um lado para uma política cada vez mais à direita, lhes sorriem e os namoram, estabelecem com eles acordos e convergências e que depois tomam distâncias, para que seja o PS a pagar todo o preço da impopularidade dos fracassos e da impotência, para que seja o PS a desprestigiar-se e a desgastar-se de forma a aparecerem depois o PPD e CDS a imporem, numa primeira fase, condições de uma coligação e a alijarem, numa segunda fase, o lastro PS.

Dentro de tal esquema, a reacção fala agora muito num governo PS-PPD ou PS-PPD-CDS.

Um tal governo poderia talvez suspender ou atenuar temporariamente certos combates de galos, mas não só não resolveria os reais problemas económicos, sociais e políticos existentes, como certamente os agravaria ainda mais, não só não alargaria a base social de apoio do Governo, como a restringiria ainda mais, porque os novos apólos sociais seriam muito reduzidos, e sectores que embora hesitantes, ainda apoiam hoje o Governo PS, designadamente nas classes trabalhadoras, passariam à oposição no caso de um governo PS-PPD-CDS.

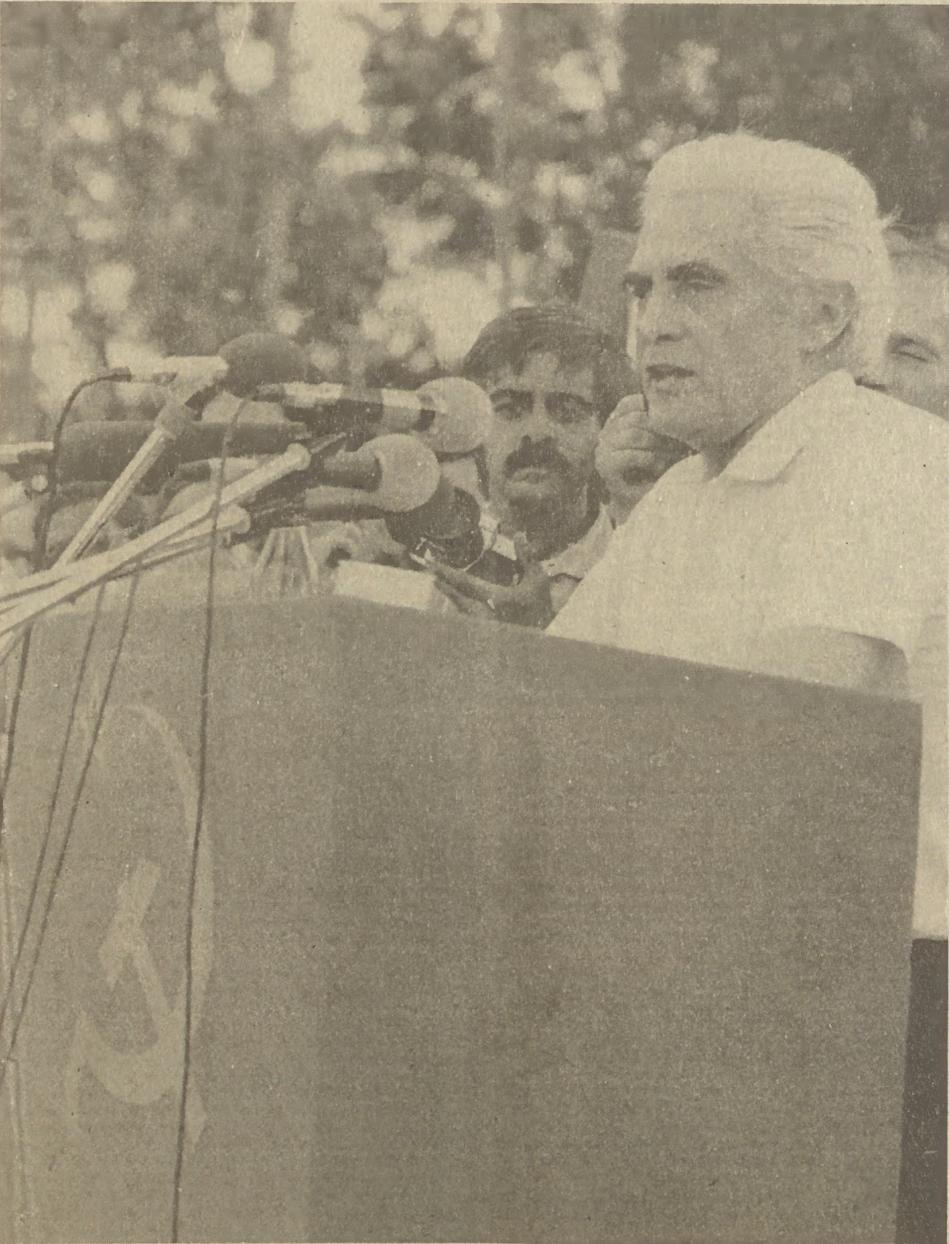
Para uma alternativa democrática, nas condições actuais, há duas saídas e essas saídas são aquelas que o nosso CC propôs na reunião de 31 de Julho: ou eleições gerais, ou um governo de plataforma.

A suspensão das leis, a demissão do Governo e a formação de um governo isento para assegurar os negócios correntes, a dissolução da Assembleia da República e a realização de novas eleições no prazo de 90 dias constituiriam uma saída inteiramente constitucional e por isso não é lícito contestar a um partido o direito de propô-la ao País.

Esta proposta foi porém combatida com tanto nervosismo como violência por outras razões.

Porque indicava de uma forma incisiva todos os perigos para o Povo, para o País, para a democracia das leis aprovadas, da política do Governo PS, da aliança de facto do Governo com o PPD e o CDS.

E foi contestada também porque tanto o PS como o PPD e o CDS têm medo de novas eleições.





O CDS e o PPD têm medo porque sabem que, se houvesse agora novas eleições, seriam novamente derrotados e essa derrota seria uma barreira às suas ambições.

O CDS tem medo que o MIRN lhe tire uma boa fatia de votos e que, depois da gorada alternativa CDS-76 pudesse vir o falhanço CDS-77.

O PPD tem medo que o campesinato do Norte, enganado durante muito tempo pelas suas promessas, tenha aberto suficientemente os olhos com as tropelias dos caciques e com a nova Lei do Arrendamento Rural.

O PS tem medo de tudo. Tem medo das suas próprias divisões internas, tem medo de novos partidos que possam surgir, tem medo dos fantasmas que lhe lembram o programa abandonado e traído, tem medo do preço que o eleitorado lhe faria pagar pela sua política antioperária e antipopular, ao serviço dos capitalistas, agrários e imperialistas.

Só o PCP não tem medo das eleições porque tem tranquilidade a sua consciência, porque cumpre o que promete ao Povo, porque defende consequentemente os interesses do Povo e do País, porque todos os dias recebe novos testemunhos (e esta Festa do «Avante!» é mais um) de que a sua política encontra um apoio cada vez mais largo nos mais diversos sectores da população portuguesa.

Se não há eleições antecipadas, a alternativa democrática tem de ser outra e essa alternativa é um governo de plataforma.

Muita gente pergunta: quais são as condições básicas que o PCP põe para a elaboração de uma tal plataforma?

Nós já respondemos. Em primeiro lugar a plataforma necessária é uma plataforma acordada com os trabalhadores e não contra os trabalhadores.

Não se toque nas conquistas da Revolução; respeitem-se os limites actuais entre as diversas formações económicas incluindo o sector privado; deixe-se estar o que está nos sectores nacionalizados, intervencionado, cooperativo, autogerido e privado, respeitando-se a dinâmica própria a cada um deles; não se toque na Reforma Agrária arrancando as terras às UCPs e Cooperativas; não se procure fazer pagar aos trabalhadores o preço de todas as dificuldades; assegurem-se as liberdades, adopte-se uma política externa nacional e independente de relações diversificadas de amizade e cooperação com todos os países e é perfeitamente possível o estabelecimento de uma plataforma que permita prioritariamente a recuperação económica do País na base de um grande esforço nacional e patriótico, no quadro do regime democrático consagrado na Constituição.

Para já: para tornar viável a elaboração de uma plataforma e a formação de um Governo de plataforma, é indispensável que se suspendam imediatamente as operações violentas de recuperação capitalista e latifundista que, a continuarem, podem comprometer por longos anos a possibilidade de recuperação económica e financeira.

É indispensável que pelo menos, para já, se faça uma pausa, a fim de evitar a agudização dos conflitos sociais e políticos e a completa degradação da situação económica e financeira e a fim de se examinar em profundidade a possibilidade dessa plataforma.

Pergunta-se também: e a alternativa para o Governo actual?

A nosso ver pode ser ou não ser um Governo de coligação. Desde que as forças sociais e políticas interessadas no processo democrático se ponham de acordo quanto à plataforma e se disponham a aplicá-la e a respeitá-la, a composição do Governo ficará extraordinariamente simplificada.

Uma coisa é absolutamente segura e sobre isso não deve haver ilusões.

Nas condições políticas e sociais existentes presentemente em Portugal, não se pode elaborar uma plataforma nacional, nem constituir um governo de plataforma, sem a participação viva e acordo dos trabalhadores, e não se pode ter esse acordo e essa participação dos trabalhadores sem o acordo e a participação do PCP.

A hora é de unidade

Um dos aspectos mais característicos e positivos da situação portuguesa actual é o elevado grau de unidade e de organização da classe operária e dos trabalhadores em geral.

Disso é clara demonstração o facto de que, apesar das constantes actividades divisionistas promovidas pelo PS e por todas as forças reacçãoárias, apesar dos recursos materiais internos e externos investidos nessas actividades, apesar das intromissões e ajudas dos sindicatos norte-americanos e da CISL, apesar das sucessivas declarações de guerra à Inter e dos anátemas, exorcismos, excomunhões e ultimatus aos numerosos militantes socialistas defensores da unidade, apesar das pressões e ingerências directas e ilegais do Governo na vida sindical o Movimento Sindical unitário organizado em torno da CGTP-Intersindical Nacional, continua a constituir a grande e poderosa força de classe dos trabalhadores portugueses.

Não é por isso de admirar que o sr. Gonetinha que se tornou célebre pelo seu plano de «partir a espinha» à Intersindical, e por afirmações ribombantes como essa de que a Inter não é uma central sindical e de que «no Alentejo não há sindicatos», não é de admirar que esse impagável senhor, agora ministro do Trabalho, venha dizer que afinal «seria estúpido ignorar a Inter», sendo de recordar que ele próprio a tem ignorado.

Ao longo de três anos inteiros, a política de divisionismo sindical do grupo dirigente do PS saldou-se num estrondoso fracasso. A «Carta Aberta» foi-se esvaziando até dar hoje a triste imagem de meia dúzia de sujeitos ao serviço do capital que andam por aí com a TV generosamente agarrada às fraldas, a fingirem que falam em nome dos trabalhadores.

Na altura da reunião plenária do CC do nosso Partido em 31 de Julho, fazendo-se o balanço das eleições sindicais desde o princípio do ano, viu-se que os homens do PS perderam nesse período a direcção de 13 sindicatos e que as listas unitárias ganharam 41 no total de 55 eleições.

De então para cá, só temos conhecimento de mais três eleições, e qual o resultado, camaradas? Em todas elas o divisionismo foi derrotado e foram eleitas listas unitárias.

Quando assim falamos, camaradas, e quando dizemos, que as tentativas de divisão do PS sofreram um fracasso pensamos na amargura que devem sentir muitos operários, muitos trabalhadores socialistas. Mas não somos nós os comunistas

a criar dificuldades à unidade entre comunistas e socialistas. Estamos dispostos à unidade com os socialistas em todos os sindicatos de Portugal. Há muitos socialistas, militantes socialistas, simpatizantes e eleitores socialistas que estão unidos aos comunistas em muitos sindicatos, em muitas direcções sindicais e na Inter. Nós saudamos os nossos camaradas e amigos socialistas que compreendem que na situação actual é necessária a unidade com os comunistas para defender os interesses dos trabalhadores e a democracia portuguesa.

É também importante, camaradas, o reforço das outras formas de organização dos trabalhadores, como as Comissões de Trabalhadores que uma nova lei procura liquidar, impedir ou diminuir, as formas de organização do campesinato, todas as formas unitárias de organização de classe e tudo faremos para ampliar pelo nosso esforço o desenvolvimento dessas organizações.

Insistimos também na necessidade de que todas as organizações promovam, no âmbito da sua actividade iniciativas abertas, reuniões e encontros informais com democratas de outros partidos e de outras tendências, particularmente com socialistas, para dialogar, para trocar impressões sobre a situação política e sobre os problemas de interesse comum, para examinar, no concreto, se são possíveis acções e iniciativas comuns.

Não estamos fechados ao diálogo. Estamos abertos ao diálogo, estamos abertos à discussão, estamos prontos a considerar ao nível das empresas, dos sindicatos, de todos os locais de trabalho, em todas as regiões do País, a nível regional, a nível nacional, se for possível, todas as diferenças de opinião e a considerar com todos os democratas que queiram considerar conosco, sem discriminações, a possibilidade de se encontrar uma saída para os graves problemas que neste momento afectam o nosso País.

Fazemos severas críticas à política do Governo socialista, pensamos que esta política não serve nem o povo nem o país, mas não desejamos que haja um colapso do Partido Socialista. Temos muitas vezes afirmado que seria bom que em Portugal houvesse um forte partido socialista, mas para lutar, não aliado ao PPD e CDS, mas para lutar aliado ao Partido Comunista em defesa dos interesses dos trabalhadores, em defesa da Revolução portuguesa.

A hora é de unidade e unidade entre forças e tendências políticas diferentes significa debate franco e construtivo, esforço para compreensão, aproximação de pontos de vista



e cooperação e acção comum na base do entendimento, do acordo, da confiança recíproca.

Pela nossa parte empregaremos os nossos melhores esforços para que tal unidade seja alcançada.

Política nacional e internacionalista

A luta do Povo português não se pode isolar do mundo de hoje. Ela insere-se na luta dos trabalhadores e dos povos de todos os países pela liberdade, a independência nacional, a paz e o socialismo.

Num momento em que o imperialismo e a reacção, ante o impetuoso avanço do processo revolucionário mundial, tudo fazem para dividir as forças revolucionárias, o nosso Partido continua a considerar como condição para a vitória dos povos e para o progresso da Humanidade a unidade das três grandes forças revolucionárias do Mundo contemporâneo: os países socialistas, o movimento operário dos países capitalistas e o movimento de libertação nacional.

Continuamos a considerar que a política nacional e a política internacionalista de um partido revolucionário da classe operária são inseparáveis.

Esta nossa Festa do «Avante!» traduz com eloquência esta posição do PCP.

É com alegria imensa que temos aqui, como convidados, como hóspedes, como camaradas, como irmãos, representantes destas forças revolucionárias.

A presença na Festa do «Avante!» de representantes dos partidos irmãos dos países socialistas, da União Soviética, que este ano comemora o glorioso 60.º Aniversário da Revolução Socialista de Outubro, da RDA, da Bulgária, da Checoslováquia, da Hungria, da Polónia, da Roménia, da Jugoslávia, da Mongólia, de Cuba e dos artistas que vindos desses países nos trouxeram a sua arte e o seu abraço fraternal e solidário, mostram bem os laços inquebrantáveis que ligam o nosso Partido e os partidos irmãos dos países socialistas.

A Revolução democrática portuguesa e o rumo para o socialismo em Portugal revelaram já numerosas particularidades e originalidades. O processo revolucionário português segue o seu curso próprio. Não copiamos modelos nem clichés, nem nunca procurámos copiar e repetir revoluções, porque as revoluções não se copiam nem se repetem.

Mas o nosso projecto político, o nosso programa, o nosso caminho próprio, embora com soluções económicas e políticas diferenciadas, visam os mesmos objectivos fundamentais alcançados na URSS e nos outros países socialistas, — a construção duma sociedade sem exploração do homem pelo homem, onde são banidas as desigualdades e injustiças sociais, onde a democracia tem um conteúdo económico social e político, onde o respeito dos direitos do homem inspira a luta, o trabalho, a construção da nova sociedade.

O PCP prosseguirá firmemente o caminho que foi sempre o seu, de relações de estreita amizade e de solidariedade recíproca com os partidos irmãos dos países socialistas e nada e ninguém nos arredará desta via.

A presença na Festa do «Avante!» de representantes de partidos irmãos de países capitalistas, designadamente da Itália, da França, da RFA, da Grécia, da Holanda, de Berlim Oeste, da Áustria, do Brasil, do Chile, do Uruguai, da Argentina, mostra também os laços inquebrantáveis que ligam o nosso Partido e os partidos irmãos dos países capitalistas.

Saudando aqueles que vieram, aproveitamos também para saudar daqui aqueles que não vieram, confirmando o nosso propósito de reforçar as relações de amizade com todos eles, sejam da Europa, sejam da Ásia, da África ou das Américas.

Hoje, dia 11 de Setembro, é uma data negra na História dos

PCP e dos trabalhadores portugueses à Frelimo e ao povo moçambicano.

É também com a maior alegria que temos aqui entre nós, uma delegação do MPLA de visita a Portugal, à qual pedimos que leve para Angola, e transmita ao camarada Presidente Agostinho Neto, a confirmação do apoio e solidariedade inabalável do PCP e dos trabalhadores portugueses, ao MPLA e ao povo angolano.

A mesma afirmação fraternal e solidária aos nossos convidados do PAIGC e do MLSTP que podem assegurar aos seus partidos e aos seus povos a nossa indestrutível amizade.

O PCP prosseguirá firmemente o caminho, que foi sempre o seu, de relações de estreita amizade e solidariedade recíproca com os partidos dos países outrora subjugados pelo colonialismo português e nada e ninguém nos arredará desta via.

Estamos e estaremos sempre ao lado das forças que se libertaram da opressão colonial e dos povos em luta contra o imperialismo.

Estamos e estaremos com os valentes combatentes do Zimbábue, da Namíbia e da África do Sul, com os povos árabes, com as forças do progresso social, com todos os explorados e oprimidos da Terra.

De volta aos vossos países, queridos convidados, poderéis dizer: «os comunistas portugueses estão ao nosso lado.»

Podeis ver bem, queridos camaradas convidados, que estes vibrantes aplausos não enganam. Com eles está a solidariedade consciente, está o apoio político e total, está o braço, está a vontade, está o coração dos comunistas e dos trabalhadores de Portugal, que ganharam, na sua longa e dura escola de luta, um profundo e esclarecido espírito patriótico e a fidelidade inabalável aos ideais do internacionalismo proletário.

Com o PCP para o futuro

Alguns perguntam por que razão escolheu o Partido este momento para lançar uma campanha de recrutamento, a que chamou «Promoção Conquistas de Abril».

A primeira é que, ao contrário do que anunciavam os inimigos dos trabalhadores nos seus ataques ao PCP e ao seu anticommunismo primário, o PCP está a alargar a sua influência.

O PCP aparece cada vez mais na vida política portuguesa como o único verdadeiro partido da classe operária e de todos os trabalhadores, o único grande partido que defende consequentemente os interesses populares, o único grande partido que defende as conquistas da Revolução, o único grande partido de esquerda.

A campanha «Promoção Conquistas de Abril» corresponderá, estamos certos, a entrada no PCP de milhares de portugueses e portuguesas que compreendem que o reforço do PCP é indispensável para a solução dos problemas nacionais, para a defesa das conquistas da Revolução portuguesa, para a defesa das liberdades, da Democracia e da Independência Nacional, para encaminhar Portugal para a construção duma sociedade sem explorados e exploradores, a sociedade socialista.

Nós, os comunistas, seremos sempre fiéis aos nossos ideais e aos compromissos que assumimos perante os trabalhadores e todo o povo de Portugal.

Aqui dizemos àqueles que nos escutam.

Se queres fazer parte de um partido com a certeza de que esse partido, puro e simples como a Revolução, empregará sempre os seus esforços para cumprir aquilo que diz; se queres fazer parte de um partido onde todos os membros têm os mesmos direitos e os mesmos deveres, onde há métodos democráticos de debate e de decisão, onde há vida colectiva, onde há respeito recíproco, onde se busca e respeita a verdade, onde há relações solidárias e fraternais, onde a acção do partido sai dos esforços e ideias de todos e de cada um, num grandioso trabalho colectivo, de que é exemplo esta nossa Festa — vem ao PCP, o nosso Partido é o teu Partido.

Inscribe-te no PCP, toma-te membro do PCP, que é o mais antigo pelos seus longos anos de luta e é o mais jovem pela sua energia e combatividade, a frescura das suas concepções, o seu dinamismo e entusiasmo, a perspectiva da sua luta.

Se ao estares conosco nesta Festa, te sentes irmanado conosco na nossa aspiração de liberdade e justiça social, no nosso grande combate, nesta extraordinária família de comunistas que é a maior e a melhor inscribe-te no PCP, torna-te membro do Partido da verdade, da esperança e do futuro — do nosso glorioso Partido Comunista Português.

A Festa do «Avante!» adquiriu este ano o valor dum símbolo. Aquilo que o Partido fez neste terreno (ainda há poucas semanas cheio de matos) com suor, com trabalho, com a tenacidade e o grandioso esforço que só dão as causas nobres, podem os trabalhadores com o Partido, fazê-lo de todo o nosso País.

A Festa do «Avante!» comprova que, com trabalho, com esforço, com entusiasmo, com dedicação, não há obstáculos que não possam ser vencidos.

Assim como, aqui, num vastíssimo espaço abandonado se removeu terra e se ergueu toda esta gigantesca realização, assim em Portugal, o Povo português está em condições, de com um grande e patriótico esforço remover todas as dificuldades actuais, fazer sair o País do marasmo, vencer a crise, aumentar a produção, dinamizar a agricultura e a indústria, evitar a catástrofe financeira para a qual é conduzido pela política de recuperação capitalista, latifundista e imperialista do Governo actual.

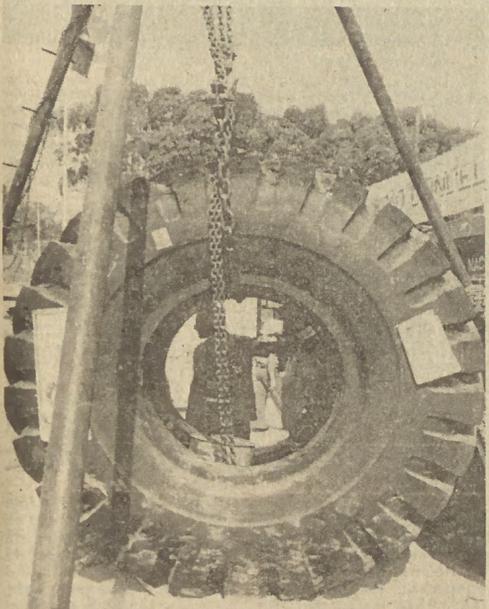
Um tal esforço nacional é necessário, é indispensável e é possível.

Os factos mostram dia a dia que só será possível com os trabalhadores e com o PCP, porque nenhuma outra força social e política, mais que os trabalhadores e o seu partido de classe, têm a capacidade de realização, a vontade, a energia, o espírito de organização, a eficiência, a dedicação indispensáveis a uma realização tão gigantesca e tão patriótica.

Viva a 2.ª Festa do «Avante!»
Vivam as conquistas da Revolução!
Viva a unidade dos trabalhadores e a unidade de todos os democratas!
Viva Portugal democrático a caminho do socialismo!
Viva o internacionalismo proletário!
Viva o Partido Comunista Português!



No ano do 60.º aniversário da Grande Revolução de Outubro, a União Soviética e o Pravda tiveram um lugar de destaque na Festa



Stands das organizações regionais

UM POUCO DE PORTUGAL EM CADA STAND DA FESTA

Ah! camarada, não há palavras que digam o que isto é — o velho camponês, bota alta e chapéu largo, assou-se ruidosamente a esconder a emoção, o olhar perdido no mar de gente que não parava de chegar ao Jamor.

Como tinhas razão, camarada! Como falar da alegria que transbordava dos stands de todas as organizações do nosso Partido? Se ela era a mesma e se manifestava em cada stand de forma tão diversa...

Como aqueles camaradas da banda de Sacavém que de repente decidiram começar a tocar o "Avante Camarada" no restaurante da sua organização e depois seguiram pelo vale do Jamor ao som da "Internacional", lembrando a todos os amigos que visitaram a nossa Festa a fraternidade que une os comunistas aos povos de todo o mundo, lembrando-lhes a nossa inabalável confiança no futuro. Como foi belo esse gesto da mão que se estende à fraternidade!

Andar de stand em stand dava um pouco a sensação de saltitar do Alentejo para Trás-os-Montes, da Madeira para o Porto, do Ribatejo para os Açores. Em cada organização regional o pavilhão político respectivo oferecia a caracterização do distrito, com o número de habitantes, composição social, número de empresas e principais actividades económicas, etc., etc.

A implantação do PCP em cada zona regional, as actividades desenvolvidas, a composição social dos militantes do Partido completavam o retrato vivo da realidade existente entre as massas populares e o grande Partido dos trabalhadores portugueses.

Em cada um se falava das lutas pelas conquistas de Abril, pelo direito ao trabalho, pelas liberdades democráticas. Assim como nos stands da Madeira e Açores se denunciava a repressão do "pluralista" governo regional do PPD e a dura resistência dos comunistas e outros democratas das linhas contra o terrorismo dos grupos

separatistas, também nos stands da DOROR e da DORA se repudiavam os métodos repressivos do governo de Mário Soares contra os heróicos trabalhadores alentejanos e ribatejanos que continuam a defender tenazmente a Reforma Agrária.

Lado a lado com a preciosa informação política e social, que lá até ao rigor dos números, uma não menos importante exposição de artesanato e arte popular esteve presente em cada organização. Lembramos os bordados da Madeira, as rendas de bilros de Vila do Conde, os tapetes de Arraiolos, os vidros da Marinha Grande, os barros de Barcelos. Um nunca mais acabar da mais genuína arte popular do nosso país.

E gente, gente, gente que "invadia" os stands, olhava, comprava coisas, pedia informações. Não se pense que esta "influxão" de artigos tão diversos conseguia desviar a atenção das realizações políticas que continuamente tiveram lugar em cada organização regional.

Que o digam as pessoas que se apinharam nos pavilhões para participar em debates sobre a saúde e a educação, sobre o movimento dos rendeiros, sobre questões sindicais, sobre artes plásticas, sobre autarquias, questões económicas, Reforma Agrária.

E o significativo é que todas estas actividades se desenvolviam simultaneamente. Dirmos mesmo que se completavam, que faziam parte de um todo coerente que se chamou Festa do "Avante!"

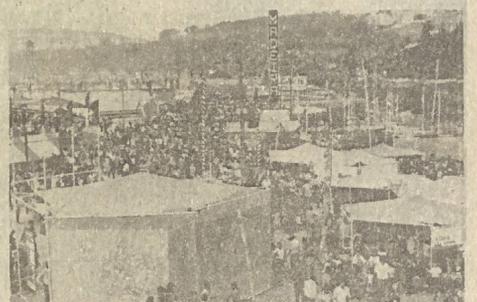
de barro pintado, o camarada parecia eléctrico. E lá ia vendendo o bacalhau, entre risos e diálogos. Dá cá um, camarada, que vou mandá-lo ao Barreiro...

No pavilhão do Norte, mais concretamente no Bar do Norte, uma bicha astronómica esperava pacientemente a sua vez de conseguir um café. O bom humor era evidente:

— Não é o Mário Soares que diz que em Portugal não há bichas? Despachem-se lá para não contrariar o homem, coltado.

— Aperta-me esses ossos, homem. Como é que te chamas? Quantos não se terão assim reencontrado? Quantas amizades não se fizeram no Jamor? Poderás tu esquecer, amiga, que não és do Partido, aquela outra amiga que te achou a carteira e correu atrás de ti a entregá-la?

E mesmo os que no dia-a-dia estão contra o PCP e, não resistindo à curiosidade foram até ao Jamor, serão capazes de dizer que não ficaram impressionados



— Ora, ora, isto não é nada comparado com as bichas do talho lá de Campo de Ourique, quando há carne congelada...

— A malta do Sul não se esqueça de pedir "Symbaline", senão bebe café de saco...

A alegria era contagiante. Sem esquecer a luta, antes reforçando-a, cimentando a unidade, estreitando a amizade, reconhecendo amigos que ontem não se conheciam.

— Eu conheço-te de qualquer lado, amigo.

— Também me lembro da tua cara, mas não sei de onde.

— Já te tenho visto no autocarro, se não me engano.

— É isso, venho todos os dias de Setúbal. Não sabia é que também eras do Partido.

com a nossa Festa? Responde tu, industrial do CDS, que lá foste e passeaste à vontade sem ninguém te incomodar. Ou tu, jornalista, que tanto escreveste contra os comunistas, e lá estiveste também, nos espectáculos, nos stands, nos restaurantes, dizes se alguém te molestou.

Portugal esteve no Jamor, retratado em cada stand, reproduzido em cada organização regional, reconhecido nos visitantes que de Norte a Sul convergiram para a Festa do "Avante!". Foi uma festa popular.

Por isso o Jamor foi um pouco do sonho dos que lutam por uma vida melhor. Um pouco do Portugal que seremos amanhã.

Serguei Tsukanov na redacção do «Avante!»

«HÁ QUATRO DIAS CONSECUTIVOS QUE A «PRAVDA» FALA DA VOSSA FESTA»

Toda a nossa delegação, tanto do PCUS como da "Pravda", ficou profundamente impressionada com a Festa do "Avante!", com a sua dimensão, a profundidade do conteúdo político, o entusiasmo vibrante que a penetrava — declarou ao "Avante!" o camarada Serguei Tsukanov, membro da Direcção e secretário responsável da "Pravda", que, acompanhado pelo camarada Kotov, correspondente da "Pravda" em Portugal, visitou as instalações do nosso jornal.

Impressionou-nos particularmente o comício final com o camarada Álvaro Cunhal. Este um sentimento que procuramos transmitir aos nossos camaradas na URSS, ao povo soviético. Aliás, a "Pravda" há quatro dias consecutivos que fala da realização da vossa festa. Como anteriormente já tinha focado os trabalhos preparatórios.

Referindo-se depois aos contactos e experiências que teve no nosso país, nestes poucos dias, o camarada Tsukanov disse:

Visitámos diversas organizações do Partido, no Barreiro, em Peniche, onde pudemos contactar com pescadores comunistas, na Setenave. Estes encontros permitiram-nos compreender melhor a vida e os problemas dos trabalhadores e dos comunistas portugueses.

Por outro lado, todos os membros da nossa delegação ficaram muito impressionados com o encontro com o camarada Álvaro Cunhal e a direcção do PCP.

Tudo o que vimos, a análise da luta, do trabalho do povo português, dos trabalhadores, dos comunistas, a formulação das principais direcções de luta neste momento no vosso país — que nos foi facultado pelo camarada Álvaro Cunhal — permite-nos ter um quadro justo da situação em Portugal, da difícil luta conduzida pelo PCP.

Pela sua luta, pela forma como a sabe conduzir, o vosso Partido revela-se mais uma vez como um partido verdadeiramente marxista-leninista, um partido internacionalista, que levanta bem alto a bandeira da luta revolucionária.

Deixamos Portugal com um sentimento de solidariedade fraternal. Desejamo-vos sucessos na vossa luta por um



Com os trabalhadores do "Avante!"

novo Portugal democrático, um Portugal dos trabalhadores, por um futuro feliz.

Durante a sua visita às instalações do "Avante!", os camaradas soviéticos foram

trabalhadores dos dois jornais irmãos.

Também visitaram a redacção do "Avante!", o camarada Gunter Schabowski, subchefe da redacção do "Neues Deutschland",

DELEGAÇÃO SOVIÉTICA NA SETENAVE

A delegação soviética à Festa do "Avante!" visitou, na 3.ª-feira, as vastas instalações da Setenave, em Setúbal.

Foi pouco depois das 10 horas da manhã que a Comissão de Trabalhadores daquela empresa recebeu os dois membros do CC do PCUS, os dois membros do "Pravda" e o coronel Boris Volinov. Depois de uma alocução de boas vindas feita por um elemento da CT da Setenave, a delegação assistiu a um filme sobre a empresa e visitou depois todo o estaleiro, a pé, tendo seguidamente almoçado num dos refeitórios na companhia dos trabalhadores. Seguidamente, a delegação avistou-se com dois membros da administração, inteirando-se da situação da empresa e das potencialidades de reparação e de construção do estaleiro. Mais tarde foram as instalações da Comissão de Trabalhadores que foram visitadas, tendo sido explicado o modo de funcionamento da CT. No final, a delegação soviética saudou os trabalhadores, terminando a visita cerca das 15 horas.



Com os trabalhadores da Setenave

recebidos por todos quantos aqui trabalham, numa cerimónia simples mas muito calorosa, que reflectiu os laços fraternais de combate que unem os

o camarada Laborde, membro do CC do Partido Comunista da Argentina, e o camarada Claude Laconte, chefe de redacção adjunto do "Humanité Dimanche".



edições Avante!

Preço: 50\$00

O JORNAL DOS TRABALHADORES DA DEMOCRACIA E DO SOCIALISMO

70 reproduções de 1.ª páginas do "Avante!" desde o n.º 1 (1931) até aos nossos dias

Uma colecção de documentos de grande valor histórico acerca da vida do PCP e dos 46 anos de actividade do seu órgão central

Uma viva e impressionante panorâmica da luta do Povo português na resistência ao fascismo e no avanço e consolidação da democracia rumo ao socialismo

O MAIOR ESPECTÁCULO MUSICAL JAMAIS REALIZADO NO NOSSO PAÍS



O Grupo Forum da RDA

Quantas eram, quem é capaz de fazer uma ideia do número de pessoas que se aglomeravam frente ao grande palco para ver os artistas da Festa do «Avante!»? Quem sabe quantas pessoas simultaneamente, no extremo oposto da pequena cidade que construímos é frente ao palco da Juventude, ouviam e aplaudiam — e bastantes vezes acompanhavam com as suas vozes — os artistas da Festa do «Avante!»? E quem é capaz de indicar o grande número de pessoas que, à mesma hora, se aglomeravam frente aos oito restantes palcos, furando aqui e ali para melhor ouvir, para melhor ver os artistas da Festa do «Avante!»?

Perguntas para as quais se não podem obter respostas nem rigorosas nem aproximadas em termos aritméticos e para as quais apenas podemos dar uma resposta de duas palavras: um acontecimento inesquecível.

Muito tempo antes dos espectáculos se iniciarem nos diversos palcos, já os largos fronteiros se encontravam pejados de gente, programa da

Festa debaixo dos olhos, esperando que se iniciasse o espectáculo, comentando com os amigos ou o companheiro ao lado o espectáculo da véspera, a actuação de tal artista ou daquele agrupamento, esperando ver e apreciar os grandes nomes da Festa, a quase totalidade dos quais se deslocava pela primeira vez ao nosso país.

TREZENTAS HORAS DE ESPECTÁCULO

De dia ou de noite, à luz do sol ou dos projectores, mas sempre perante o calor humano de muitos milhares de pessoas, os espectáculos iam-se desenrolando sem abrandamento de entusiasmo, com o mesmo interesse quer se tratasse de nomes conhecidos da música portuguesa ou mundial, quer de artistas que se exibiam pela primeira vez em público.

Todos nós guardamos ainda na memória e nos ouvimos todos os diferentes sons, todas as diferentes palavras, em português ou noutra língua, que durante estes três inesquecíveis dias nos foram sendo transmitidos através da



Quarteto Bulgária

canção e da música.

Todos nós guardamos ainda nas mãos o ritmo das palmas que batemos quando os apresentadores anunciavam os nomes por que esperávamos e quando estes nos traziam o espectáculo que desejávamos. Foram quase trezentas horas de espectáculo nos três dias da Festa, com mais de setecentos artistas portugueses e estrangeiros, estes vindos de países socialistas e doutros pontos do mundo.

Da música tradicional da Checoslováquia à música popular inglesa apresentadas pelos **Mala Musika** e pelos **Fairport Convention**, das palavras de amor e de verdade da África à voz resistente do Chile trazidas pela grande **Miriam Makeba** e pelos **Nuevos Tiempos**, do entusiasmo e da vivacidade da juventude da RDA e da Irlanda, trazidas pelos **Forum** e pelos **Sands Family**, ao cancionero da Revolução apresentado pelos Italianos do **Il Contemporaneo**, do grande «show» soviético do conjunto de **Ivan Surjikov** à voz revolucionária do húngaro **Andrass Vargas**, da música folclórica húngara interpretada pela orquestra cigana de **Sandor Lakatos** ao jazz executado pelo conjunto **Hagaw** da Polónia, das canções revolucionárias de Angola cantadas por **Roberto** à música búlgara interpretada pelo **Quarteto Bulgária** e por **Tania Ivanova**, da música grega dos **Tambouri** à voz

de combate de **Enrique Llopis** — tudo isto foi o espectáculo inesquecível da Festa do «Avante!».

SÓ NA FESTA DO «AVANTE!» ISTO FOI POSSÍVEL

Jornadas de alto valor artístico foram vividas durante três dias no Vale do Jamor, espectáculos que nunca o nosso país viu e que embora sendo, por um lado e conforme ficou demonstrado o produto da solidariedade militante de algumas dezenas de artistas estrangeiros, são também, por outro lado, o fruto da capacidade criadora e da profunda ligação às massas dos artistas progressistas portugueses.

Só uma grande realização como a Festa do «Avante!» tornou possível que, no nosso país e perante centenas de milhares de pessoas, actuassem simultaneamente os mais conhecidos e aplaudidos artistas e cantores portugueses, comunistas e não comunistas. Isto foi o que todos os que se deslocaram ao Vale do Jamor puderam constatar, participando nessa grande festa colectiva.

Podemos afirmar que a expressão artística e interventiva musical esteve presente em todas as suas formas na Festa do «Avante!» Nomes consagrados da música portuguesa ao lado de jovens artistas empenhados

em utilizar a música como forma de expressão e de intervenção exprimiram, através da sua arte, a alegria e a luta numa comunicação fraternal que dificilmente esqueceremos.

Era isto que se passava no grande palco, no palco da Juventude e nos restantes palcos; era isto o que se passava no Retiro do Fado, onde esta expressão popular da música portuguesa era assumida com dignidade e onde desfilaram dezenas de conhecidos fadistas, a par de numerosos «espontâneos».

Mozart interpretado por artistas portugueses e escutado e aplaudido por muitos milhares de portugueses. Onde e quando se tinha visto isto?

Pelas ruas e alamedas da cidade que construímos o espectáculo transbordava dos palcos. Al rompendo dificilmente a multidão compacta e arrastando atrás de si as vozes de inúmeras pessoas, bandas populares agitavam ainda mais o ambiente.

Foi este o espectáculo que os comunistas e outros democratas ergueram no Vale do Jamor, foi este o espectáculo que Portugal nunca tinha visto e que, ano após ano, vai constituindo uma das razões para que a Festa do «Avante!» seja cada vez maior, constitua cada vez mais um acontecimento de grande relevo no panorama artístico do nosso país.



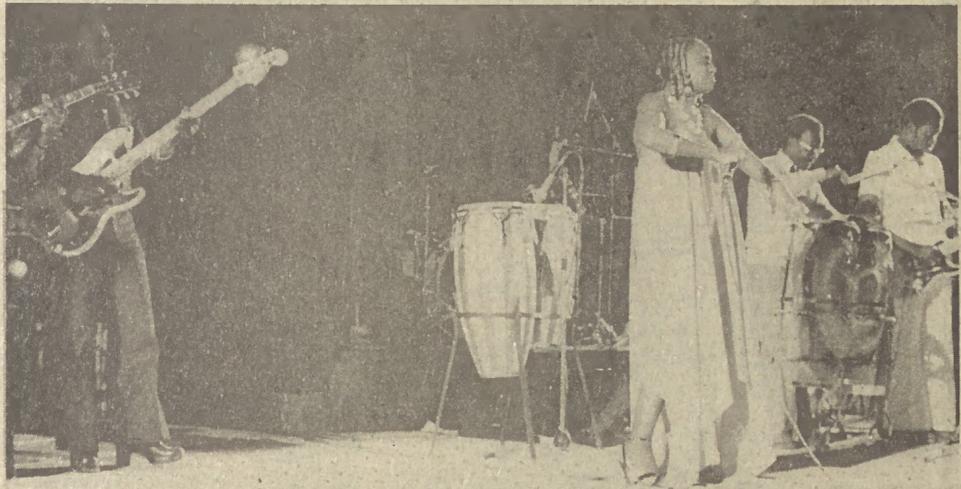
Fairport Convention



Carlos do Carmo



Conjunto Sandor Lakatos



Miriam Makeba



José Barata Moura



Fernando Tordo e Paulo de Carvalho



Nuevos Tiempos do Chile



A grande festa de encerramento